



Paula Christina Pegado Ribeiro

**Avós e netos: vínculos de cuidado na
atualidade**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a. Junia de Vilhena

Rio de Janeiro
Janeiro 2018



Paula Christina Pegado Ribeiro

Avós e netos: vínculos de cuidado na atualidade

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Junia de Vilhena

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt

PUC-Rio

Prof. Carlos Eduardo Veiga da Silva

Centro Universitário Hermínio da Silveira

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 16 de Janeiro de 2018

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Paula Christina Pegado Ribeiro

Graduou-se em Psicologia pelo IBMR (Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação), em 2014. Possui experiência na área de Psicologia Clínica e Social e atua como Psicóloga Clínica em consultório particular.

Ficha Catalográfica

Ribeiro, Paula Christina Pegado

Avós e netos : vínculos de cuidado na atualidade / Paula Christina Pegado Ribeiro ; orientadora: Junia de Vilhena. – 2018.
85 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2018.
Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Vínculos de cuidado. 3. Avós. 4. Sociedade de consumo. 5. Limite. I. Vilhena, Junia de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

À minha família,
por todo apoio e suporte, fundamentais para eu chegar até aqui.

Agradecimentos

À minha orientadora, Junia de Vilhena, pelo carinho e acolhimento durante esse percurso, por acreditar nesta pesquisa e pela condução e disponibilidade em transmitir seu saber.

Aos meus colegas de grupo do LIPIS, por todo apoio, aprendizado e trocas que me proporcionaram refletir sobre a pesquisa e aprimorar meu conhecimento e estudo.

À Maria Inês Bittencourt, pela delicadeza, apoio e disponibilidade nesse trabalho e por gentilmente aceitar fazer parte da banca de defesa dessa dissertação.

Ao Carlos Eduardo Veiga, pela oportunidade inicial de me introduzir na pesquisa científica e por aceitar participar da banca de defesa desse trabalho.

À professora Esther Arantes e aos funcionários do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, pela oportunidade, orientação e carinho que muito acrescentaram.

Às minhas colegas que o Mestrado uniu: Paula Melgaço, Luana Moura e Natália Cidade, pelas trocas, amizade e amparo ao longo de todo o caminho desta pesquisa.

À Maria Inés Tozatto e a equipe executiva do Projeto Cuidando de Quem Cuida – Aenes Fernandes e Yasmim Sampaio –, por todo aprendizado ao longo desses anos juntos, pela disponibilidade e carinho e pela amizade e alegria em ter vocês em minha vida, profissional e pessoal.

À Miriam Baron, pela escuta, acolhimento e disponibilidade ao longo desses anos.

À minha família – mãe, pai, irmão e avó -, responsáveis pelo que sou, por todo amor e investimento nos meus sonhos.

A todos os meus amigos, de perto e de longe, que de alguma forma transmitiram energias e carinho, me motivando a seguir em frente.

Ao Rafael, pelo amor, companheirismo, dedicação e felicidade que me transmite todos os dias.

Às avós, que gentilmente aceitaram participar dessa pesquisa, compartilhando situações delicadas e particulares.

À equipe da UOJ, pelo auxílio na realização das entrevistas e pela parceria no decorrer desses anos.

À PUC-Rio, pelo aprendizado no decurso desses dois anos de Mestrado.

Resumo

Ribeiro, Paula Christina Pegado; Vilhena, Junia (orientadora). **Avós e netos: vínculos de cuidado na atualidade**. Rio de Janeiro, 2017. 85p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo do trabalho “Avós e netos: vínculos de cuidado na atualidade” é analisar os vínculos de cuidado entre avós e netos das classes baixas da população carioca. Tendo por base a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott. O papel da mãe-ambiente e do cuidado são conceitos que enfatizamos para evidenciar o exercício satisfatório dessas avós no papel materno. Para tanto, escolhemos o projeto social denominado Cuidando de Quem Cuida, o qual a pesquisadora exerce trabalho voluntário há quatro anos. Foram, então, selecionadas seis avós integrantes e ex-integrantes do projeto, sinalizando um vínculo pré-estabelecido, e que vivenciam o papel de cuidadora dos netos. Utilizamos como instrumento uma entrevista com roteiro oculto semiestruturado que nos possibilitou a divisão de quatro categorias: Mães-avós, Cuidado, Contraste geracional e Limite. Constatamos, em seus discursos, que apesar de cada mãe apresentar uma questão que impede a criação de seus filhos, essas avós assumem essa função a partir da existência dessa lacuna na função materna. Busca-se, assim, ainda a figura feminina dentro da família como responsável pela continuidade do cuidado. A partir disso, podemos considerar que esse contexto contribui para a maior participação das avós no cuidado dos netos, preenchendo esse vazio no uso da autoridade e resgatando o valor da tradição para exercer um papel organizador no psiquismo dos netos. Na análise das entrevistas, observamos discursos que consideram o consumo de informação, de mercadorias e de alimentos como possibilidade de transmitir o afeto que não conseguem oferecer no cotidiano.

Palavras-chave

Vínculos de cuidado; Avós; Sociedade de Consumo; Limite.

Abstract

Ribeiro, Paula Christina Pegado; Vilhena, Junia (advisor). **Grandmothers and grandchildren: care links in current times**. Rio de Janeiro, 2017. 85p. Dissertação de mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Based on Winnicott's theory of emotional development, the "Grandmothers and grandchildren: care links in current times" study aims to analyze the care links between grandmothers and their grandchildren of the carioca lower classes. The role of environmental mother and the care are concepts we emphasize to demonstrate the satisfactory exercise of grandmothers in the maternal role. To achieve this goal, we chose the social project named "Taking Care of Carers" in which the researcher has been working for four years. Six grandmothers, members or former members of the project, were selected, indicating a predetermined bond and that perform the role of their grandchildren's carer. To base the research, we used a concealed semistructured script interview that made it possible to create a four-category division: Mothers-grandmothers, Care, Generational Contrast, and Limit. In their speeches, we detected that, although each mother presents a reason blocking them raising their children, those grandmothers take that role for them – considering that maternal lack for the kids. Therefore, the woman in the family is still seen as the responsible for the continuity of the care. Based on that, we may consider that the context contributes for a grandmothers' greater participation in taking care of grandchildren, which fulfills that lack in use of the authority and recovers the tradition value of performing an organizer role on the grandchildren's psyche. In the interview analysis, we noticed speeches that consider the consumption of information, goods, and food, as a possibility of transmitting the affection that cannot be daily offered.

Keywords

Care links; Grandmothers; Consumers society; Limit



Sumário

Introdução.....	10
1 A relação mãe-bebê e o papel da mãe-ambiente em Winnicott.....	15
1.1 As transformações do papel feminino e da família através da história.....	16
1.2 A importância da relação mãe-bebê para a construção da subjetividade.....	21
1.2.1 Holding, Handling (manipulação) e apresentação de objetos.....	26
1.3 Mãe – ambiente.....	29
2 Sociedade de consumo.....	38
2.1 Modernidade e pós-modernidade.....	39
2.2 Uma concepção contemporânea do conceito de limite.....	45
3 As avós Cuidadoras.....	51
3.1 Metodologia.....	51
3.1.2 Sujeitos.....	51
3.1.3 Cuidados Éticos.....	52
3.1.4 Instrumentos.....	53
3.1.5 Análise de dados.....	54
3.2 Resultados e discussão.....	54
3.2.1 Mães-avós	61
3.2.2 Cuidado	63
3.2.3 Contraste Geracional.....	65
3.2.4 Limites.....	67
4 Considerações finais.....	71
5 Referências bibliográficas.....	77
6 Anexos.....	82

Introdução

Para abordar sobre os vínculos de cuidado entre avós e netos na atualidade, precisamos inicialmente contextualizar o campo que suscitou a realização desta pesquisa. É significativo relatarmos que os grupos de reflexão continuam sendo realizados pelo projeto Cuidando de Quem Cuida¹, com apoio da ONG SBS/OPJ².

O projeto Cuidando de Quem Cuida tem como finalidade realizar grupos de reflexão com pais, responsáveis e educadores que exercem a função de cuidar. Também objetiva a troca de informações, experiências e transformações em grupo, envolvidos pelo tema principal: cuidar. Os espaços grupais possibilitam a elaboração e troca de afeto, além da construção de vínculos e de proporcionar a oportunidade de resolver questões que suscitam sofrimento familiar ou institucional, nos que exercem essa função.

Ao longo da minha trajetória profissional, interessei-me por temáticas relacionadas à família e a constituição psíquica. Ao iniciar o trabalho voluntário no Projeto Cuidando de Quem Cuida, pude sentir e compreender o verdadeiro sentido da palavra cuidado. A construção dos vínculos com os cuidadores participantes e com os profissionais das creches e escolas parceiras, no decorrer desses quatro anos, intensificou o que sempre esteve presente na minha essência: cuidar. Com todo aprendizado e vínculos que pude construir nesse projeto, encantei-me por estudar profundamente este tema, sendo uma resposta ao sentimento atual de descuido que rodeia nossa sociedade e que nos enfraquece.

Assim, esta pesquisa nasceu a partir dessa experiência e do contato de campo com pais e cuidadores da zona sul carioca, que frequentaram e frequentam nossos grupos de reflexão nessas instituições. Minha prática como psicóloga na equipe executiva do projeto Cuidando de Quem Cuida foi o que me instigou a realizar este estudo. Pude, assim, proporcionar uma reflexão acerca dos vínculos de cuidado entre as avós e seus netos na atualidade, para então poder compartilhar com outros leitores e pesquisadores as informações colhidas nesse estudo,

¹ Idealizado pela Dra. Maria Inés Saadi de Tozatto, supervisora e responsável técnica da equipe do Projeto Cuidando de Quem Cuida.

² Sociedade Brasileira para a Solidariedade / Obra de Promoção dos Jovens.

pensando em possíveis intervenções sociais que busquem o olhar acolhedor e o cuidado para com essas classes sociais.

Durante meu percurso profissional, o projeto compareceu como espaço de grande aprendizado, de atuação e interesse. Após concluir a graduação em 2014, passei do papel de estagiária para o de psicóloga, estando mais ativa no planejamento e execução das reuniões. Com essa nova função e responsabilidade, pude crescer profissional e pessoalmente. Desenvolvi aptidões e habilidades de trabalhar com grupos e em equipe, e adquirir sabedoria para lidar com diferentes pessoas e instituições pelas quais percorremos. São praticadas distintas conduções e manejos em cada uma das instituições, de forma a cuidar melhor de todos os profissionais envolvidos e dos cuidadores que participaram dos grupos de reflexão.

Dessa forma, para cada nova instituição que nos apresentamos e iniciamos o projeto voluntário, levantamos novas temáticas e possibilidades para construirmos um vínculo fortalecido com todos os envolvidos, trocando experiências e informações principalmente sobre o cuidado.

No decorrer desses quase dois anos e meio na UOJ³ – instituição parceira do projeto – realizamos muitos encontros com os pais e cuidadores que a esta são vinculados. Desde o princípio nos receberam com muito carinho e acolheram nossa proposta, mostrando que a construção de um vínculo fortalecido acontece com bases sólidas e afeto. Hoje, percebemos um grupo numeroso de cuidadores (aproximadamente 50 pessoas) que frequentaram essa instituição no ano de 2017, e que relataram terem construído um vínculo resistente com a mesma. Esse mecanismo só pôde ser criado e transmitido a esses participantes a partir do vínculo que a equipe executiva construiu entre si, com a supervisora Maria Inés Tozatto e com a equipe da UOJ.

A ressonância do cuidado aparece e permite que os cuidadores troquem informações, construam amizades e que conheçam os pais e responsáveis dos amigos de seus filhos. Ou seja, permite que criem uma rede de transmissão de cuidado e apoio para além do grupo.

³ União das Operárias de Jesus.

Com o andamento do projeto, algumas questões nos apareceram: a queda na participação dos pais e responsáveis nos grupos, o aumento da participação das avós e a dificuldade em conciliar a vida profissional (e sua intensa carga de trabalho) com o horário dos encontros realizados nesse período quinzenalmente. Primeiramente nos reunimos para analisar tal movimento dos responsáveis e das avós para buscar alguma hipótese desse ocorrido. Buscou-se criar uma alternativa facilitadora para os mesmos poderem comparecer aos encontros, já que havia grande interesse pelos grupos e não conseguiam comparecer por motivos externos que estavam para além das suas decisões.

Para cada instituição uma alternativa foi criada, sendo observado que o horário de saída das crianças era o melhor para participarem, pois estariam presentes para buscá-las. De forma geral, observamos que a realização mensal do projeto seria o possível para todos. Com a execução dessa escolha, notamos uma leve modificação na frequência dos responsáveis e uma manutenção na participação das avós. A partir desse movimento das avós que comecei a questionar tal comportamento e me interessar em aprofundar essa análise.

Aqui, entendemos vínculos pelo viés psicanalítico, sendo estes a raiz da natureza humana e indispensável para nossa construção psíquica. Estar vinculado a alguém diz respeito à transmissão simultânea de afeto e de contorno, com o objetivo de sustentação e nutrição psíquica. Somos seres sociais e dependentes, não conseguimos nos constituir sozinhos no começo de nossas vidas, necessitando de um referencial que nos ampare: o vínculo.

Segundo Pichon-Riviere (1998), dentro do grupo familiar, a dinâmica dos vínculos é representada pela interação dos membros e execução dos seus distintos papéis. Cada um influenciará de forma única no funcionamento da família. Assim, o exercício da função materna pelas avós - nosso campo de pesquisa - confirma a força que o vínculo exerce na vida humana. É o puro reflexo da dinâmica familiar.

Cuidar implica ser afetado pelo outro, envolve afetos e sentimentos como amor, carinho, proteção e expectativa. É um comportamento que exprime a consideração pelo outro e por suas necessidades. Segundo Plastino (2009, p. 53), “[...] o cuidar revela sua dimensão ética, alicerçada no reconhecimento da

alteridade e seus correlatos, na dimensão do narcisismo e da onipotência”. É a partir da troca com o outro que o sujeito se constitui psiquicamente.

Para tal, nos embasamos no estudo teórico de D. W. Winnicott, que postula como conceito fundamental para o desenvolvimento emocional do bebê a relação mãe-bebê, sinalizando para a compreensão do outro na emergência do sujeito. O investimento de carinho, olhar e afeto no lactente proporciona a nutrição necessária para a formação da sua identidade.

Para isso, analisamos os vínculos de cuidado entre avós e netos na contemporaneidade, verificando interferências sociais que influenciaram a participação das avós no cuidado dos seus netos. Apresentamos ao final do estudo o fechamento da pesquisa.

“A construção das subjetividades na contemporaneidade é indissociável da dinâmica que caracteriza as relações sociais nesta época. O aspecto central dessa dinâmica é a competição entre os indivíduos e entre as organizações, competição a que se atribui o aumento da eficiência na produção de bens” (PLASTINO, 2009, p.61).

Inicialmente, consideramos explorar a relação mãe-bebê e o papel da mãe-ambiente na teoria winnicottiana, aprofundando em três questões: as transformações do papel feminino e da família na história, a relação mãe-bebê e sua importância para a constituição subjetiva do sujeito, e o papel da mãe-ambiente exercido pelas avós. Ao longo deste primeiro capítulo também nos utilizaremos dos pensamentos de autores como Áries, Del Priore e Roudinesco.

No segundo capítulo, a sociedade de consumo é o enfoque. Abordamos as transformações históricas da modernidade para a pós-modernidade, realizando um contraponto com relação às suas características distintas. Cabe ressaltarmos que o termo “pós-moderno” é utilizado por alguns autores, mas podemos encontrar também denominações como “hipermodernas”, “contemporaneidade”, “modernidade líquida”. Assim, independente do nome utilizado, o que queremos abordar é a concepção atual de supremacia tecnológica, que valoriza resultados, performance e competição, tendo o consumismo como principal norteador, presente em todas as classes sociais e influenciando na formação da identidade

dos sujeitos. Para o embasamento teórico, nos remetemos às obras de Bauman, Lipovetsky e Lyotard.

Aqui, nos utilizaremos da ideia do consumo – seja de informações, brinquedos, produtos ou de alimento - pelas classes baixas, as quais nos atemos a investigar, como o meio através do qual transmitem carinho e amor aos filhos/netos. A intensa carga horária de trabalho e a crise econômica que nos encontramos ocasionam um movimento paradoxal: para preencher a falta na vida das crianças e proporcionar o que não puderam ter na infância, consomem, necessitando manter o vínculo com o emprego atual para suprir os custos e por sobrevivência.

Por fim, no terceiro capítulo, buscamos elucidar algumas questões com base em nossa pesquisa qualitativa, realizada através da participação de seis avós integrantes e ex-integrantes do Projeto Cuidando de Quem Cuida e pertencentes às classes baixas da população carioca. Dividimos em quatro categorias de análise: Mães-avós, Cuidado, Contraste geracional e Limite. Todas foram extraídas a partir do discurso dessas avós e nos utilizamos da análise de conteúdo de Laurence Bardin.

A relação mãe-bebê e o papel da mãe-ambiente em Winnicott

Neste primeiro capítulo, analisaremos a relação mãe-bebê, enquanto instância fundamental para a constituição da subjetividade, e o papel da mãe-ambiente exercido pelas avós, salientando sua importância para a edificação, continuidade e descontinuidade dos vínculos no decorrer da vida. Pretendemos explorar o percurso histórico das modificações nos âmbitos econômico, social e cultural que possibilitaram transformações do papel feminino e da família. Para tanto, usaremos contribuições de autores como Ariès (1978), Roudinesco (2003) e Del Priore (1993; 1997).

Sobre a visão do exercício da função materna na psicanálise, teremos como referência central a teoria de Donald W. Winnicott, que confere grande relevância para a construção da identidade do sujeito. Segundo o autor, é justamente nos primeiros anos de vida, com a presença materna sendo transmitida pelo ambiente, que as fases do desenvolvimento da criança são construídas.

Decidimos pelo levantamento histórico do papel feminino e das transformações da família, pelo fato de observarmos, nos grupos de reflexão do Projeto Cuidando de Quem Cuida, um aumento da participação das avós, realçando a função materna nos vínculos de cuidado, ainda majoritariamente, referente ao feminino. O projeto visa um espaço de troca entre os cuidadores, enfatizando a importância de serem cuidados para, em seguida, poderem cuidar melhor das crianças. Devido a maior presença das mulheres no cuidado das crianças, faremos uma breve retomada histórica acerca das transformações dos seus papéis no público e no privado.

1.1

As transformações do papel feminino e da família através da história

Para abordar as transformações do papel feminino e da família ao longo dos anos, objetivamos o percurso histórico partindo do Brasil Colônia, apresentando o lugar da mulher dentro da família pobre e quais os seus papéis. Em seguida, iremos contrapor essa realidade das classes baixas com a família tradicional burguesa, que serviu de modelo idealizado para a concepção de família.

Acreditamos ser fundamental essa breve revisão histórica dos diversos modelos familiares, pois cada camada populacional vivencia crenças, valores e tradições particulares. Com a ausência dessa contextualização, correríamos o risco de analisar de forma limitada as camadas pobres da sociedade carioca, objeto de estudo deste trabalho.

Ao longo dos séculos, não só em nossa cultura como em muitas outras, observamos que o lugar do cuidador sempre foi destinado à figura feminina, sendo a mãe responsável pelos cuidados e educação das crianças. Esse olhar direcionado para a mulher situa a imagem do pai como alheia ao contexto dos cuidados iniciais com o bebê.

No que se refere ao Brasil, destacamos que no período Colonial a relação estabelecida entre homens e mulheres caminhava através da domesticação e escravização da mulher. A constituição dos papéis femininos foi sustentada por estereótipos e preconceitos transmitidos nos discursos padronizados estabelecidos pela igreja, pelo Estado e pelo poder masculino, ditando suas funções: maternidade, cuidado dos filhos e do corpo (DEL PRIORE, 1993).

Os reflexos da exploração do gênero feminino também podiam ser observados nas relações entre as próprias mulheres, pois estas marcavam suas diferenças e raramente se amparavam. No período da maternidade, era possível dialogarem através do apoio e dos laços de cumplicidade. Dedicar-se à maternidade era um refúgio ao controle masculino, do qual se defendiam do aproveitamento doméstico e sexual e do isolamento que a vida nesse período lhes trazia. O cuidado circulava através dos familiares e das vizinhas, uma vez que frequentemente, com a ausência dos maridos, a mulher assumia a chefia e

condução do lar, já que estes se encontravam distantes da cena familiar. (DEL PRIORE, 1993).

Apesar de sofrerem com os preconceitos e estereótipos vigentes sobre a passividade e o comportamento feminino, essas mulheres não se permitiam ser humilhadas pelos maridos. Mesmo vivendo de forma precária, com mais oportunidades de trabalho doméstico do que assalariado, tinham maior possibilidade de oferecer seus serviços do que os homens, visto que mesmo empregados a instabilidade era um sentimento predominante. Por conta dessa instabilidade, os homens eram marcados pelo desemprego ou por baixos salários, estando em constante êxodo geográfico em busca de trabalho. Esse distanciamento masculino da vida familiar deixava a mulher em situação de abandono, podendo passar anos sem ter notícias do marido. Dessa forma, muitas mulheres trabalhavam em suas casas como costureiras, rendeiras, lavadeiras, ou fora, na roça, ao lado de familiares. Nesse lugar, assumiam o trabalho dito masculino de carregar lenha, semear, colher. (DEL PRIORE, 1997). Segundo a autora:

“O homem pobre, por suas condições de vida, estava longe de poder assumir o papel de mantenedor da família previsto pela ideologia dominante, tampouco o papel de dominador, típico desses padrões. Ele sofria a influência dos referidos padrões culturais e, na medida em que sua prática de vida revelava uma situação bem diversa em termos de resistência de sua companheira a seus laivos de tirania, era acometido de insegurança. A violência surgia, assim, de sua incapacidade de exercer o poder irrestrito sobre a mulher, sendo antes uma demonstração de fraqueza e impotência do que de força e poder” (DEL PRIORE, 1997, p.370).

Apesar da mulher nessa camada da população promover o sustento da família, eram julgadas moralmente quanto a sua capacidade em cuidar dos filhos, sofrendo acusações de serem mães relapsas. No entanto, esses olhares moralistas eram mais frequentes às operárias industriais do que as que exerciam tarefas caseiras, tradicionalmente femininas.

Além disso, a grande maioria das mulheres pobres, devido a sua intensa atuação e dedicação ao trabalho, não se moldavam às características impostas pela sociedade patriarcal e ditas universais ao sexo feminino: submissão, fragilidade,

delicadeza. Por dedicarem-se ao trabalho, grande parte delas não formalizaram casamentos. (DEL PRIORE, 1997).

Em consequência dessa intensa carga de trabalho e a escassez da participação masculina no cuidado dos filhos, a mulher das camadas populares contava com o apoio da avó ou de outras pessoas que conviviam em sua rede familiar para cuidar das crianças. Segundo a autora (1997), essa circulação das crianças entre uma casa e outra é uma prática particular dos grupos populares, proveniente de dois fatores: do valor da família extensa e da importância do grupo familiar criar meios para a sobrevivência das crianças.

Todo este contexto contribuiu para que se buscasse dentro da família a continuidade do cuidado. Este permanece relacionado à figura feminina, sendo as mulheres que participam da rede de apoio muitas vezes incumbidas dele. Por razões diversas, observamos que o cuidado é delegado pelas mães às avós que, assim como muitas mulheres, exercem jornadas duplas de trabalho, pois somam funções: casa, cuidar dos netos e sua profissão. Cada mulher, com suas peculiaridades, descontinua seu vínculo de cuidado com seus filhos e transporta às avós o exercício dessa função, sobretudo se tomarmos como exemplo as mulheres das classes populares, objeto de nosso estudo.

Conforme falamos acima, o cuidado das crianças cabia à mulher, mas não necessariamente à mãe biológica. Assim, as avós devem ser levadas em consideração quando abordamos o tema dos vínculos de cuidado nos grupos populares e a relevância do seu papel enquanto cuidadora.

Parece-nos relevante retratarmos os modelos tradicionais da família burguesa para refletirmos sobre as transformações do papel feminino e da concepção de família. Nesse modelo, a relação familiar se estruturava em arranjos alicerçados na manutenção dos patrimônios e da autoridade patriarcal. A noção de público e privado atravessou essas modificações e influenciou a família contemporânea – fundamentada nesse modelo-, perpassada pela noção de intimidade, que atribuía à mãe os cuidados dos filhos e da casa e ao pai o sustento da família. Aspectos relacionados à educação e à criação eram mantidos no interior da família nuclear, vista como alicerce para uma vida estruturada. As

transformações culturais sustentavam a convivência no amor romântico e nas divisões de papéis socialmente delimitados (ROUDINESCO, 2003).

Nesse cenário, o mundo se via imutável e todos os membros da família deveriam ser submissos à autoridade patriarcal. As relações familiares eram impessoais e o homem era o único que tinha o direito legítimo de exercer a sexualidade de modo mais livre ou aberto.

Nos últimos anos do séc. XIX mudanças significativas transcorreram dentro das famílias, principalmente voltadas para as escolhas dos cônjuges, aos papéis parentais e à relação com os filhos. Essas mudanças tiveram mais estímulo no século XX, pela hegemonia do capitalismo, que se consolida como sistema que controla a vida social e familiar. Novas regras aparecem no mercado de trabalho e a crescente demanda de mão-de-obra industrial movimentava a saída dos jovens do interior para às grandes cidades, viabilizando um movimento de liberdade e anonimato que passam a viver, sem negociação dos pais a um casamento que serviam aos interesses da família, sendo capazes de suas próprias escolhas amorosas (PASSOS, 2015).

A extensão territorial e emocional suscitou transformações no arranjo familiar. A consolidação dessa reviravolta pode ser assinalada no século XX com a família moderna e a remodelagem nos vínculos. A circulação dos afetos, o amor romântico e o casamento por amor, são elementos que começam a introduzir o tipo de vínculo familiar e o suporte emocional que a percepção de família vai saborear a partir do século XXI. Nesse sentido, a relação parental se estrutura, e as funções materna e paterna nascem através da intimidade e afetividade que passa a existir entre pais e filhos. Os cuidados parentais são colocados como ameaças às descobertas sexuais da criança e repartidos pelo olhar autoritário do pai e a educação repressiva da mãe.

Os desejos e sentimentos sexuais são atestados na união conjugal e as oscilações econômicas exigem uma separação entre o mundo público e o privado. A família começa a ser vista como um espaço onde circulam os afetos e o balanço entre as figuras parentais começa a ser tecido, revolucionando as relações e alterando essa figura absolutamente soberana do pai. Além disso, a inserção da mulher no mercado de trabalho, sua maior presença no ensino superior, o

adiamento da maternidade e a diminuição do número de filhos (com relevante destaque para a criação da pílula-anticoncepcional), são fatores que redirecionaram a mulher pela luta do mesmo patamar sociocultural experienciado pelo homem no decorrer da História.

A ampliação das relações igualitárias ocasiona o declínio do patriarcado, no entanto, no interior da grande maioria das famílias modernas, as relações continuam submetidas ao pai, provedor e chefe, que deve exercer sua função de manter a ordem social, na qual a mulher e os filhos devem obediência. Observa-se essa disposição na configuração cultural em que ainda predomina a visão do homem em detrimento da mulher, pela forma enraizada na transmissão de crenças e valores como homens e mulheres devem se comportar e suas distintas formas e olhares em situações vividas equivalentes. As modificações na disposição dos papéis sociais do homem e da mulher ainda são recentes, predominando antigas concepções de “mãe é mãe”, sendo ela a responsável pelos cuidados com os filhos e ao pai por exercer o sustento financeiro da família.

Essas disposições são colocadas como repetições e transmissões de pais para filhos, com base na história e cultura em que estão inseridos. Vale ressaltar que quaisquer mudanças sociais e históricas demandam tempo e modificações que partam do individual para o coletivo e vice-versa. O ambiente propicia meios para as funções serem exercidas e os papéis serem compartilhados. As transformações históricas evidenciam a transmissão das crenças e valores de pais para filhos e apontam para a evolução da atual psicodinâmica familiar. Alastra-se a ideia do declínio da autoridade familiar, tornando paradoxal a relação pais-filhos, pois a influência do pensamento individualista submete os pais à prioridade da autonomia dos filhos.

Em alguns casos, as novas dinâmicas familiares têm necessitado do apoio das avós no cuidado aos netos, especialmente diante de situações como as observadas no nosso campo, tais como: a necessidade da mãe trabalhar para promover ao filho uma melhor qualidade de vida, doença ou morte da mãe, ausência do pai na criação do filho e dificuldade financeira. Por conta disso, algumas avós têm assumido o cuidado dos netos, exercendo o papel de mãe.

Outro fator que tem estendido às avós a participação mais efetiva na dinâmica familiar, cuidando dos netos, é o aumento da longevidade dos idosos.

“As diversas mudanças sociais, principalmente as de aspectos trabalhistas, tal como uma longa jornada de trabalho, tem possibilitado um aumento considerável de casos em que os avós passam a exercer o papel de pais, em alguns casos com todas as funções pertinentes, abandonando a experiência de serem simplesmente avós” (LOPES; NERI; PARK, 2005, APUD CAVALCANTI; VIEIRA; SOUSA; CARDOSO, 2015, p.2).

É fundamental descrevermos que o grupo que propomos investigar (a classe baixa da população carioca) reside muitas vezes em comunidades nas áreas periféricas da cidade do Rio de Janeiro, vivenciando inseguranças físicas, com condições precárias de moradia, medos e violência no seu dia-a-dia. Além disso, com poucas oportunidades de estudo, as pessoas se deparam com um mercado de trabalho reduzido e baixos salários.

Devido a essas questões, o papel das avós se apresenta diferente do observado na classe média, não coincidindo com os modelos tradicionais. O cuidado das crianças é reorganizado por uma rede de apoio para buscar meios de solucionar as adversidades constantemente impostas pela sociedade.

O papel do cuidador é incluído, dessa forma, como fundamental no processo de criação da vida – constituição subjetiva-, resgatando a primazia do afeto em detrimento da eficiência, observada na cultura atual. Na perspectiva de Winnicott, cada sujeito se constitui na sua singularidade através de um percurso histórico, no qual a qualidade do cuidado recebido exerce papel decisivo para a atualização, ou não, das tendências naturais resultantes da inserção do sujeito no meio (PLASTINO, 2009).

1.2

A importância da relação mãe-bebê para a construção da subjetividade

Donald W. Winnicott, pediatra e psicanalista do século XIX, elaborou sua teoria do desenvolvimento emocional primitivo alicerçado no seu trabalho

realizado em um hospital londrino. A partir da observação e do acompanhamento das mães com seus bebês, desenvolveu uma ampla experiência no campo relacional mãe-bebê e pode compor sua pesquisa.

Através de sua teoria, enfatizou a importância da relação mãe-bebê para a construção da subjetividade do sujeito. Para esse amadurecimento ser possível de existir, o autor fundamenta sua teoria a partir do processo de diferenciação do bebê em relação à mãe (mundo externo), partindo da dependência absoluta até a busca pela independência (WINNICOTT, 2013). Inicialmente o bebê encontra-se indiferenciado da mãe, necessitando de seus cuidados, olhar e sustentação, para que futuramente possa se diferenciar da mesma e sentir-se um sujeito integrado, capaz de reconhecer o ambiente externo e se relacionar com outras pessoas, para além da mãe.

Para que o bebê exista enquanto sujeito é fundamental que receba os cuidados maternos nos primórdios da vida, sendo este o caminho substancial da teoria de Winnicott. Cabe ressaltar que, ao longo desta pesquisa ao fazermos referência ao termo “mãe”, estamos nos referindo à função materna em sua amplitude; no entanto, não é de nosso intuito por de lado o papel da mãe nos cuidados iniciais do bebê. Colocaremos em discussão a sua transposição e relevância para o papel da mãe-ambiente, enquanto meio nutridor responsável pelo desenvolvimento satisfatório do lactente, sendo exercido pelas avós enquanto campo deste estudo, implicado nesta função.

Na literatura psicanalítica, de modo geral, observamos autores que identificam a imaturidade biológica e psíquica do ser humano, necessitando de um sujeito que exerça a função de cuidador (materna), principalmente nos momentos iniciais da vida do lactente. Nesse período de dependência absoluta, o amparo e o carinho ao bebê devem ser integrais.

Ao longo de sua obra, Winnicott propôs que a função materna se expressa naturalmente e que não lhe cabe ensinar às mães como cuidar de seus bebês, desde que estas mães apresentassem a *preocupação materna primária*. Conceito cunhado pelo autor que inclui o *gesto espontâneo* em cuidar do seu próprio bebê. É o comportamento intuitivo a cada demanda do lactente (WINNICOTT, 1952b). Neste sentido, Winnicott (1952b) acreditava que todas as mães eram capazes

desse cuidado, pois, *devotadas*, se apresentariam de forma ativa e sensível, posição fundamental para o começo de uma vida, que somente se constitui em relação. A função materna transmite um sentimento de sustentação que proporciona um suporte para o desenvolvimento do bebê (WINNICOTT, 1952a).

É através desta relação que a concepção de *ser* é transmitida ao bebê. Estamos diante da base dos estudos de Winnicott, na qual o desenvolvimento do lactente ocorre pelas fases que vivencia, e funcionam como solo de construção para sua subjetividade. Para o médico britânico, isso se dá pela relação com a mãe, uma vez que é através do seu olhar e de seus cuidados que o bebê é apresentado à realidade do mundo. A função paterna também se apresenta, no entanto introduzida pela mãe, nos momentos de limite e tolerância à frustração. É através desta vivência que o ego do bebê se estrutura, no “*continuar a ser*”⁴. Segundo o autor, o objetivo do cuidado transmitido à criança está para além de construir uma criança saudável, e sim alcançar o “*desenvolvimento máximo de um adulto saudável*” (WINNICOTT, 1952b, p.376).

Conforme dito acima, os bebês começam a existir através dessa relação inicial, na qual a sua dependência é absoluta. À mãe é essencial que esteja identificada ao bebê para que, dessa forma, possa exercer sua função e atender as suas necessidades. Conforme as condições são vivenciadas pelos bebês como favoráveis ou desfavoráveis, eles podem vir a se constituir emocionalmente de diferentes maneiras. Sobretudo, através do cuidado recebido pela mãe que a experiência de vida do bebê vem a se constituir, tornando-o capaz de manter a “*continuidade de ser*”. Uma falha acontece, no entanto, quando essa continuidade é rompida, pois “nacer” sujeito se dá em um tempo singular. No início, o bebê registra as sensações dos estímulos que recebe, para depois perceber e elaborar. Segundo Mahler:

“O nascimento biológico do homem e o nascimento psicológico do indivíduo não coincidem no tempo. O primeiro é um evento bem delimitado, dramático e observável; o último um processo intrapsíquico de lento desdobrar [...]”. (MAHLER, 1993, p.15).

⁴ “Com ‘o cuidado que ele recebe de sua mãe’ cada lactente é capaz de ter uma existência pessoal, e assim começa a construir o que pode ser chamado de continuidade do ser” (WINNICOTT, 1988, p.53).

Os processos que ocorrem no desenvolvimento de cada lactente são sentidos individualmente, de acordo com as condições presentes no ambiente. No entanto, essas não exercem fator decisivo no desenvolvimento emocional do bebê, ou seja, não excluem o seu potencial herdado. Dito de outra forma, trata-se da tendência singular de cada sujeito ao desenvolvimento e ao crescimento. Sendo assim, o estabelecimento do desenvolvimento emocional satisfatório ocorre devido ao potencial herdado e aos cuidados recebidos do ambiente nutridor (WINNICOTT, 1960b).

Segundo Winnicott (1963a), suprir as necessidades do lactente está para além do fisiológico. Para o pediatra trata-se do psíquico. O papel materno, em um desenvolvimento satisfatório, proporciona ao bebê alcançar suas necessidades do ego, diferenciando-as das necessidades fisiológicas, as quais são atendidas e gradativamente frustradas no momento oportuno para que se evidencie e organize o lugar da agressividade. A tolerância à frustração e à criatividade encontram-se aqui. As fases iniciais são registros para a organização do ego em formação e parâmetros para convivência e atitudes na interação social (WINNICOTT, 1967b).

Embora seja possível ensinar uma mãe a tarefa de cuidar do seu filho, o contato direto que ela terá com o bebê será singular. Mesmo aprendendo a prática dos cuidados básicos de higiene e amamentação, nenhum ensinamento ou saber intelectual suprirá a constituição de um sujeito, que se processa a partir do pertencimento a uma relação - díade mãe-bebê-, na qual o vínculo se estabelece e o lactente sente que alguém está implicado em seus cuidados.

Segundo Fontes (2017), para o bebê existir psiquicamente ele carece de um ego corporal, que ratifique a sua existência ao vivenciar as angústias precoces de liquefação, de explosão ou de queda sem fim.

“Para constituir um ego corporal é preciso ter vivido uma experiência inicial que garanta a continuidade do existir. Isso porque, nos tempos mais precoces, estamos diante de angústias corporais provocadas pelas sensações de liquefação, de explosão ou de queda sem fim. Essas angústias impensáveis caracterizam o bebê humano e colocam, portanto, a necessidade de se sentir envelopado ou contido inicialmente pelo corpo da mãe”. (FONTES, 2017, p. 23)

O desenvolvimento emocional é separado em categorias, referentes ao grau de dependência em relação ao ambiente: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. Somos sujeitos em busca de independência, já que vivemos de vínculos, de cuidado, relação, e em processo de criação constante. Sendo assim, é pelo processo gradativo de diferenciação e interação com o mundo que o bebê é capaz de viver a sua experiência pessoal.

O processo criativo só é possível de ser desenvolvido se tivermos vivenciado uma dependência absoluta e cuidados satisfatórios no período inicial da vida, além de que, o processo de ilusão e desilusão tenha ocorrido inúmeras vezes. Assim sendo, a mãe exerce essa função inicial, de ambiente favorável - *ego auxiliar* (NEWMAN, 2003) - por meio dos seus cuidados, para que, mais adiante, e incluindo o pai, sustentem os alicerces para o desenvolvimento satisfatório do bebê (WINNICOTT, 1963a).

A função da *mãe suficientemente boa* permite que a criança se desenvolva psicologicamente de forma saudável, e que possa, aos poucos, ir à busca de sua independência enquanto sujeito-unidade, diferenciando-se dela. Este movimento se dá após um período fundamental de dependência com a mãe, no qual a existência de uma unidade mãe-bebê é dominante, pois está plenamente identificada ao lactente (WINNICOTT, 1960b). Essa identificação exerce um papel fundamental no início das relações objetivas, na medida em que visa atender as demandas do bebê em suas necessidades de forma espontânea e primária, de modo a sempre lidar de maneira muito respeitosa com o seu tempo. Assim, evita-se que o bebê sinta as reações maternas como invasivas, conforme dito anteriormente.

Nesse estado de identificação, a mãe é capaz de se colocar no lugar do filho, em suas necessidades, as quais são principalmente corporais, possibilitando a organização necessária para a estruturação do psiquismo. A *preocupação materna primária* é primordial para um “eu” nascer e ser *sujeito*, singular. É o ambiente facilitador, no qual a mãe transmite ao bebê a capacidade de crescer e existir – *mãe suficientemente boa*. (WINNICOTT, 1960b).

Quando não consegue exercer essa função, vital para o *continuar a ser*, rompe-se esse equilíbrio e abre-se a possibilidade de um transtorno na relação

mãe-bebê. O caminho não possibilita ao lactente que desenvolva de forma satisfatória sua *capacidade de estar só*, isto é, a capacidade do bebê em *estar sozinho*, ainda que na presença da mãe. Tal aquisição pode ser observada nos momentos em que a criança pequena brinca sozinha na presença das figuras parentais, estando *só na presença do outro* (NEWMAN, 2003). Segundo Winnicott (1958b, p.31), “esta capacidade é um dos sinais mais importantes do amadurecimento do desenvolvimento emocional”, além de ser um paradoxo, pois é “*estar só*” na presença de mais alguém, é receber, através do olhar do outro (função materna), o que necessita para a sua individuação. Logo, não se trata aqui de estar realmente só, em um confinamento, mas da capacidade de sentir autonomia, que será enriquecedora e fornecerá abertura para realizações e trânsito livre para o mundo externo e para a realidade psíquica. (WINNICOTT, 1958b).

Conforme afirmamos anteriormente, o resultado deste processo de desenvolvimento para o bebê é torna-se uma pessoa, com individualidade própria (WINNICOTT, 1960b). Para isso, é necessário vivenciar a transformação do seu ego, de um estado *não-integrado* - presente durante as fases iniciais do desenvolvimento emocional -, para uma *integração estruturada*, alcançada com a continuidade do cuidado materno e sua gradual separação do lactente. Assim, a sua integração enquanto ser-unidade pode ser estabelecida. Abaixo abordaremos os três estágios fundamentais do desenvolvimento psíquico segundo Winnicott, a saber: holding (sustentação), handling (manipulação) e a apresentação de objetos (WINNICOTT, 1960a).

1.2.1

Holding, Handling (manipulação) e apresentação de objetos

O *holding* é um termo utilizado para transmitir um amparo físico e ambiental ao lactente, o que inclui as vivências internalizadas pela criança - como sentiu e interpretou os estímulos do mundo externo. Nas palavras de Winnicott (1960b, p.44): “[...] se refere à relação espacial ou em três dimensões com o fator tempo gradualmente adicionado”. Desde o primeiro contato com o ambiente, a criança recebe cuidados físicos e afetuosos da mãe. O processo de unidade,

iniciado na gestação física, prossegue aqui com a estimulação da realidade externa. Nesse processo de interação e descoberta de novas sensações, a função materna continua sendo imprescindível para o nascer da percepção do lactente, ainda em abertura com o suporte do ambiente nutridor. Esta dependência exerce um fator fundamental no desenvolvimento subjetivo, porque é ela que cria o cenário ilusório que, posteriormente, será deixado rumo à independência (WINNICOTT, 1963a).

Durante a fase de *holding*, o bebê constrói um interior e um exterior, *eu* e *não-eu*, um esquema corporal, no qual são internalizados os meios de entrada e saída, possibilitando a formação de uma realidade psíquica interna. É através de um *holding* satisfatório que essa construção pode ser alcançada e proporcionar ao bebê a capacidade para relações objetais (WINNICOTT, 1960b). Para o autor, um *holding suficientemente bom* está relacionado com o grau de dependência e cuidado recebido pelo lactente de sua mãe.

São através dos cuidados iniciais, tão íntimos e primários, como trocar a fralda, dar o banho, amamentar no seio ou na mamadeira, e tomar o banho de sol, que possibilitam a troca sensitiva, e o olhar entre a mãe e o bebê, fundamentais para a subjetividade se moldar (WINNICOTT, 1960b). Neste ínterim, leva-se em consideração aspectos do sensível no lactente, como o tato, a temperatura, a audição, a sensibilidade visual, e “a falta de conhecimento do lactente da existência de qualquer coisa que não seja ele” (WINNICOTT, 1960b, p.48). Através desses cuidados iniciais com ternura, transmitidos por uma voz melódica, sentidos por uma temperatura suave nos tecidos envolvidos no corpo erógeno do lactente, que os registros e os parâmetros iniciados para as próximas vivências são feitos.

A amamentação, por sua vez, coloca o bebê em um momento de plena satisfação com a mãe. Ao receber a primeira mamada, o bebê internaliza a experiência de satisfação e busca, através da repetição do ato de mamar, sentir novamente esse momento que apazigua a sua angústia. Nesta primeira experiência, o bebê alucina o seio enquanto completude e repete ao longo de sua vida nos seus atos, como uma tentativa de vivenciar novamente esta sensação prazerosa.

O preenchimento para o nascimento psíquico do bebê é originário desta relação e principalmente do olhar. É com este que a mãe o sustenta e o conforta. Existem mães que não podem sustentar um lactente, proporcionando sensações de insegurança (WINNICOTT, 1960b). Sem um olhar seguro e real, o bebê poderá ficar imerso no vazio e na angústia, sem sustentação ou amparo. Do cuidado físico se alcança a unidade emocional para *cuidar de si* e se relacionar com o outro, posteriormente. Isto é, os cuidados recebidos pelo bebê preparam-no para o processo de diferenciação⁵, que ocorre por volta dos seis meses de idade, permitindo que desenvolva a *capacidade de estar só*. Para isso, é essencial que a criança internalize o objeto cuidador (WINNICOTT, 1958b). A *capacidade de estar só*, na presença do olhar cuidador, é a condição para a autonomia e suporte para todas as situações que despertem angústia e “estranhamento”. Podemos aqui lembrar que, para Freud (1919), o estranho retrata nada de novo ou de outrem, mas sim algo familiar para a vida psíquica, estabelecido desde sempre, e somente fez-se estranho pelo recalque.

Com o desenvolvimento saudável do bebê e sua passagem do estágio não-integrado para o integrado, assimilações parciais são percebidas. Utilizaremos aqui da tarefa de temporalização, a qual representa basicamente o *processo de maturação* (WINNICOTT, 1960b). O lactente vivencia seu tempo e espaço diferentemente da realidade externa transmitida pela mãe, pois sua posição inicial não permite maturidade para que experiencie o mundo externo. Com isso, ele vivencia seu próprio mundo interno, para que mais adiante, com o cuidado materno, internalize a concepção de tempo e mundo externo, para além de sua subjetividade (WINNICOTT, 1949). É de suma importância que a mãe intua esse tempo para não romper o *continuar a ser*, e o lactente poder, gradativamente, tolerar a espera e a frustração, necessárias no lidar com a realidade externa. Perceba o seu tempo, suas necessidades, e proporcione meios para que essa transformação possa surgir (WINNICOTT, 1960b).

O manejo e a apresentação de objetos não podem ser estudados separadamente do holding, pois são conceitos que ocorrem simultaneamente no desenvolvimento do bebê e aqui serão assinalados separadamente em prol da

⁵ A criança começa a se preocupar com o objeto mãe e com ela própria.

didática e melhor assimilação. Nesse período, com a troca e sustentação do bebê acontecendo naturalmente, os cuidados transmitidos pela mãe promovem, simultaneamente, a sustentação da união mãe-bebê e da subjetividade do bebê enquanto *ser* integrado. O desenvolvimento psique-soma do bebê é formado contribuindo para a internalização do sentido de “real” e “irreal”.

Uma manipulação deficiente não proporciona um desenvolvimento saudável de aspectos físicos do bebê, como o tônus muscular e sua habilidade motora, afetando inclusive sua capacidade de usufruir dessa experiência corpórea e de *ser* (WINNICOTT, 1960a). A apresentação de objetos sinaliza, nesse processo do desenvolvimento, a capacidade do bebê em se relacionar com outros objetos para, além da mãe. Sente-se integrado e um ser diferenciado dela, aprimorando seu impulso criativo e possibilitando construir ideias, firmar projetos e valorizar e consolidar vínculos. Falhas nesse momento prejudicam a sensação da criança como real em sua relação com outros objetos e fenômenos.

1.3

Mãe-ambiente

Refletindo acerca dos atravessamentos da cultura em nossas vidas, é significativo estudarmos o processo intitulado mãe-ambiente. O ambiente nutridor saudável prioriza a dignidade do lactente e respeita seu tempo interno, frente a uma cultura em que os valores são fluidos, as relações são instáveis e o sentimento de insegurança predomina (BAUMAN, 1998).

Hoje, estamos submetidos a um discurso social de inclusão e pertencimento pela via material. Com o desenvolvimento da tecnologia, a crescente visibilidade dos aparelhos eletrônicos e as inúmeras possibilidades de compra, tornaram-se possíveis a circulação e aquisição mais rápida de mercadorias, proporcionando às classes baixas, através do consumo, o sentimento de pertencimento e inclusão social que não vivenciam em outras ocasiões, como na moradia, educação e oportunidade de trabalho. Dessa forma, como os valores do consumo atingem as

camadas mais pobres? Como as avós lidam com o consumo e estabelecem limites aos netos?

Algumas variações socioculturais movidas por progressos científicos, na passagem do século XX para o XXI, nos possibilitaram abrir algumas observações, tais como: o prolongamento da expectativa de vida vem proporcionando um aumento do número de avós e resultando em um acréscimo no período em que estes exercem esta função (OLIVEIRA; VIANNA & CÁRDENAS, 2010), o advento do capitalismo, que possibilitou o desenvolvimento das tecnologias e conseqüentemente a procura de mão de obra qualificada, e as transformações do papel da mulher dentro da sociedade (FÉRES-CARNEIRO, 2015).

Coexiste a demanda pela democracia no mercado de trabalho, na divisão de tarefas domésticas e na percepção de que os papéis são subjugados socialmente e internalizados como regras e ideais a serem seguidos. As crenças e valores, transpassados no tempo, enraízam posicionamentos, historicamente, colocados como naturais, que há pouco começaram a ser questionados (ROCHA-COUTINHO, 2013 apud FÉRES-CARNEIRO, 2013).

As mudanças atuais nos arranjos familiares e a aquisição cada vez mais acelerada de informações vêm transbordando posturas e olhares desamparados dos pais, que tendem a não se sentirem mais como capazes de cuidar dos próprios filhos. Essas transformações e a dominância da ideologia individualista provêm uma relação pais-filhos submetida à primazia da autonomia dos filhos em detrimento da autoridade dos pais. Essas modificações propõem uma sustentação do cuidado com uma rede de apoio, que possa auxiliar os novos pais no amparo *suficientemente bom* de seus bebês. No entanto, a figura paterna, acima de tudo, nomeia-se de forma muito debilitada, e a rede familiar atua, inconsistentemente, na função de suplência (FÉRES-CARNEIRO, 2015).

As bases para a saúde psíquica do bebê estão intimamente ligadas a esse cuidado materno, que vai além do fisiológico, alcançando o cuidado ambiental, vital para o desenvolvimento satisfatório do bebê. Assim, conforme Winnicott (1960b, p.49) “[...] a psicose infantil ou uma predisposição à psicose em uma data posterior se relacionam com uma falha da provisão ambiental”, o que permite

compreender tal mecanismo como distorções do ego e defesas contra ansiedades primitivas.

No processo de integração do ego, é importante pensar o bebê como um ser imaturo, prestes a sofrer uma *ansiedade inimaginável*⁶, a qual é evitada pela função materna em sua capacidade de se colocar no lugar do lactente e nomear o que ele necessita. Nesse momento do desenvolvimento, é através dos cuidados corporais que o amor é transmitido ao bebê. Quando o cuidado, no início da infância, é *suficientemente bom*, o surgimento de certos tipos de ansiedade é impedido. Com isso, a integração se evidencia e um sujeito começa a surgir. No entanto, caso essa *ansiedade inimaginável* não seja sustentada pela função materna, alguns aspectos no desenvolvimento podem acontecer, como a desintegração, o cair para sempre, a inexistência de conexão com o corpo, e o bebê carecer de orientação (WINNICOTT, 1962).

Essa *ansiedade inimaginável* evidencia uma ameaça de aniquilamento pela quebra na continuidade do cuidado materno, isto é, por sua ausência demasiadamente longa em um momento em que o bebê não apresenta um desenvolvimento psíquico capaz de suportar esse afastamento (WINNICOTT, 1967b). O bebê não é suficientemente sustentado, deixando-o cair, sentindo o vazio. Paradoxalmente, o lactente não se encontra no momento do desenvolvimento emocional suficiente, consciente, para vivenciar essa agonia (NEWMAN, 2003).

Segundo Winnicott (1952, p. 209), “é normal o bebê sentir ansiedade, se há uma falha na técnica utilizada para cuidar dele [...], se transformaria na cavidade em substituição ao conteúdo, sem dor”. Esta ansiedade, que surge devido ao fracasso do cuidado materno, é inerente ao crescimento. De forma satisfatória, o ambiente transmitido pela mãe apresenta ao lactente de forma gradual um fracasso, para iniciar sua adaptação (WINNICOTT, 1952). O espaço potencial entre mãe e bebê depende da confiança, “pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque este experimenta o viver criativo” (WINNICOTT, 1967a, p.142).

⁶ Grifo do autor.

Quando o bebê já se estabelece enquanto *ser* diferenciado da mãe, como unidade, e é capaz de sentir a figura materna como uma pessoa completa, podemos descrever o começo da *capacidade de se preocupar* (WINNICOTT, 1963b). Esse desenvolvimento se encontra na relação entre duas pessoas, e segundo o autor, para essa capacidade se estabelecer o bebê precisa ter vivenciado um desenvolvimento significativo, pois “pressupõe uma organização complexa do ego, que não se pode considerar de outro modo que não seja o de uma conquista” (WINNICOTT, 1963b, p.71), tanto do cuidado do bebê, quanto dos processos internos do seu crescimento.

Com o processo de maturação alcançado, através de um suporte suficientemente bom do cuidador para com o bebê, que este, em seu desenvolvimento, experimenta, simultaneamente, impulsos agressivos e eróticos dirigidos ao mesmo objeto. Existe, do lado erótico, a busca pela satisfação através da procura pelo objeto, e do lado agressivo, encontra-se os primórdios da relação objetual, na qual amar significa destruir. Nesse momento, no qual o bebê é capaz de mesclar experiência erótica e agressiva ao mesmo objeto, que se encontra a ambivalência (WINNICOTT, 1962).

Nesse momento, o bebê começa a se relacionar cada vez mais com objetos externos, percebidos como *não-eu*, sinalizando o estabelecimento de um *self*, unidade física e emocionalmente integrada. A mãe encontra-se na mente do bebê como objeto total, sinalizando a existência de um ego que começou a se tornar independente, sendo capaz de localizar um interior e exterior. Mesmo com essa construção interno-externo, o ambiente continua exercendo importância fundamental no desenvolvimento, mesmo que “o lactente esteja começando a ser capaz de possuir uma estabilidade interna que faz parte do desenvolvimento da independência” (WINNICOTT, 1963b, p.72).

A relação mãe-bebê é a base, o solo fértil para a vida do sujeito. Ser coeso e ter autonomia são a principal função de um ego estabelecido. Os primórdios, com as sensações e registros, são decisivos para o sujeito ser nomeado e exercer sua identidade. O *holding* é o conceito mais complexo e amplo, pois será estendido por toda a vida do sujeito, em sua percepção e construção de ideias e ações. As exigências da vida, como as relações desenvolvidas, necessitam dos parâmetros

internalizados que foram impressos nos momentos iniciais, e percebidos como organizadores para a identidade.

Não desconsideramos a importância dos cuidados iniciais serem transmitidos pela mãe, e eles têm seu valor e papel fundamental. O que desejamos interrogar nesta pesquisa transcende esta questão: é explorar a transmissão do cuidado e investimento psíquico por outros cuidadores, sendo estes as avós.

O investimento no lactente, dotado de cuidado e sustentação (*holding*), evidencia a função da *mãe suficientemente boa*, a qual transmite intuitivamente ao bebê as necessidades que o são essenciais, como amamentar, amparar, manusear, e poder, através do olhar, transpassar o preenchimento corpóreo que o permitirá nascer subjetivamente. Esse mecanismo sensível é favorecido pelo ambiente facilitador (função materna) e no modo como cada bebê o internaliza e constrói suas escolhas singulares. O percurso à independência é inscrito, então, como movimento de constituição de ser integrado, separado da mãe, que é vivenciado tão só o bebê sentiu a dependência e integração com essa mãe, de maneira saudável, e identificada plenamente a ele (WINNICOTT, 1960b).

Assume um ofício fundamental no início das relações objetais, dado que, respeitando o tempo e o momento do lactente, consegue acolher as suas demandas espontânea e primariamente, para não experienciar o ambiente facilitador como ofensivo. A relação com uma *mãe suficientemente boa* transmite ao bebê a capacidade de se desenvolver e existir, transportando internamente essa função de *suficientemente boa* (WINNICOTT, 1960b). É capaz de intuir, se for de sua escolha, a condução futura desses cuidados e *holding* com seus próprios bebês.

A *capacidade de se preocupar* encontra-se como fio que encaminhará o lactente a sua instauração de ser distinto da mãe, sendo apto a senti-la como pessoa integrada (WINNICOTT, 1963b). Inicia, assim, um sentimento de ambivalência, em que, como ser integrado, sentiu estímulos diferenciados para com o mesmo objeto, evidenciando a possibilidade de amar e destruir o mesmo instrumento. A mãe está presente no psiquismo do bebê como figura total, propiciando a este travar relações gradativamente com objetos externos (WINNICOTT, 1962).

Convém verificarmos as transformações do papel das avós, no campo social e familiar, nas últimas décadas, para abordarmos sobre a função voterna⁷ na contemporaneidade e sua relevância para o desenvolvimento subjetivo dos respectivos netos. Segundo Pires (2015), as avós que ocupam o lugar da mãe ou do pai - importante frisar que estamos em referência às funções -, os estão substituindo nos cuidados com o bebê, abdicando de seus lugares de avós. A autora especula sobre a existência de uma função voterna e quais as possíveis diferenças que sua presença ocasionaria na constituição psíquica do bebê. Permitir-nos-emos abordar esse assunto mais detalhadamente no caminhar da pesquisa.

Podemos observar que o desenvolvimento emocional do bebê é uma junção da herança genética de um processo maturativo, e da acumulação de experiências de vida. Esse desenvolvimento saudável, no entanto, só pode acontecer se o bebê estiver em um *ambiente propiciador*, essencial no início da vida, e em seguida se encontre no processo de dependência relativa, e rumo à independência (WINNICOTT, 1960a). A importância do *ambiente propiciador* está no fato de que a função materna pode ser estabelecida independentemente de ser, ou não, a mãe biológica. Essa ideia nos abre portas para analisar os cuidados transmitidos ao lactente pela função materna, exercidos pelas avós, grupo escolhido para análise nesta pesquisa. Através do ambiente são capazes de transmitir o *holding* e *manejo* necessários para o desenvolvimento saudável desse bebê.

A mãe-ambiente, para Winnicott (1960a) sustenta a função materna e propicia ao lactente se constituir subjetivamente. Internaliza os seus cuidados e sente-se como uma unidade. Segundo Fontes:

“Com a experiência corporal de continência o bebê se sente um recipiente com interiores e a discriminação eu/ não eu se efetiva [...] condição para surgir a simbolização primária. Tendo vivido a experiência de ser contido e de conter, o bebê vai fazer analogias, de forma cada vez mais frequente, entre sua experiência de continência e as partes de seu corpo que equivalem a isso”. (FONTES, 2011, p.85)

⁷ Termo utilizado por Sonia Pires, 2015.

O lactente precisa encontrar-se num meio que esteja pronto a percebê-lo. Na prática, o bebê precisa sair do colo da mãe gradativamente, de forma a não cair no vazio. Necessita ir em direção a uma área maior, mas ainda sujeita a cuidados: algo que simbolize o colo da mãe e que abrirá o caminho para a sua simbolização. (WINNICOTT, 1960a). Um processo dinâmico e estruturante na medida certa, com intensidade moderada, para referendar o sujeito a nascer e exercer sua autonomia.

Plastino (2009) ao discorrer sobre a dimensão constitutiva do cuidar, afirma que antes mesmo de ser uma ação, o cuidar caracteriza-se por uma atitude, que exprime a consideração pelo outro e por sua necessidade. Fazendo com que a ética seja uma condição necessária ao acontecer humano.

Somente um sujeito que tenha sido acolhido por uma atitude presidida pelo cuidado, pelo reconhecimento de sua singularidade e de suas necessidades, pode emergir enquanto sujeito, passando a reconhecer a singularidade e as necessidades dos outros. Dessa forma, o vir a ser do sujeito e o desenvolvimento de sua personalidade presume reconhecimento mútuo. É na relação fundante com o outro, no reconhecimento da alteridade e no pertencer a um coletivo que ela se dará. Tal dimensão ética, que se refere ao cuidar, entra em contradição com os valores que regulam a vida contemporânea nos mais diversos aspectos, sejam eles: econômicos, políticos ou sociais.

O questionamento intenso nos grupos de reflexão do Projeto Cuidando de Quem Cuida, sobre a “falta de limite” das crianças nos dias atuais, e o seu paralelo com a percepção da autoridade, estão intimamente relacionados ao tema central deste estudo. Até que ponto esta “falta de limite” das crianças, notória na contemporaneidade, é resultado da escassez da autoridade dos cuidadores no exercício de suas funções? Uma inversão dos papéis situa os filhos na posição de comandante dos pais, os quais saem da fase da repressão para uma geração “proibido proibir”. Medo em dizer não e não ter o amor dos filhos?

A dificuldade atual dos pais em sustentar uma relação mais íntima e aberta com os filhos promove um enfraquecimento da sua autoridade dentro da família. Assim, para sustentar uma relação próxima com esses filhos, que se encontram

cada dia mais independentes, os pais estão dispostos a renunciar sua hierarquia. A autonomia dos filhos se contrasta à autoridade parental.

Vilhena, Bittencourt, Novaes e Zamora (2013) assinalam que:

“Uma das principais características dos tempos modernos tem sido o declínio da crença na habilidade de fazer as coisas (que podemos chamar de tradição), incentivando a percepção de que os indivíduos não são capazes de gerir os aspectos importantes de suas vidas sem orientação profissional” (VILHENA, BITTENCOURT, NOVAES; ZAMORA, 2013, p.123).

A dificuldade em colocar limites aparece, então, tendo em vista a sociedade de consumo atual, que valoriza cada vez mais o “ter”, o novo, em detrimento do “ser”. Dizer não numa sociedade em que se valoriza o prazer imediato e sem fim, é cada vez mais difícil. É importante sinalizarmos que cada sujeito, na sua singularidade, reagirá de uma maneira distinta em relação às demandas da sociedade de consumo. Sujeitos que não receberam cuidados suficientemente bons e não tiveram um ambiente nutridor satisfatório, tendem a ter dificuldades em lidar com a frustração e a satisfação – limite (WINNICOTT, 1963).

O equilíbrio entre frustração e satisfação, transmitido *suficientemente bem*, permite ao lactente se constituir psiquicamente. O bebê desenvolve o caminho da criatividade a partir da tolerância à frustração. Em uma cultura, na qual a frustração evita ser vivenciada, observamos o processo criativo diretamente afetado, ou seja, o seu desejo não aparece. Segundo Winnicott (1967), as fases iniciais são registros para a organização do ego em formação e parâmetros para convivência e atitudes na interação social.

Esse sentimento de inclusão e pertencimento, oferecido na cultura capitalista com base no consumo, nos faz ressaltar o conceito de limite e a constituição da realidade psíquica, supracitados. Porém, há um abalo na percepção da criança com relação à realidade externa, já que a sociedade atual valoriza o consumo desenfreado e tudo se mostra substituível. O ambiente nutridor não se apresenta de forma satisfatória, intuindo o momento de frustração e colocando os limites para proporcionar um equilíbrio entre a satisfação e a frustração.

Segundo Vilhena, Bittencourt, Novaes e Zamora (2013):

“Falar da cultura que rege os tempos atuais é falar de um vazio de certezas inabaláveis, de garantias prometidas, de valores precisos ou de ideais e ideologias que outrora garantiam minimamente um continente ético para a realização das moções pulsionais, negociando perdas e ganhos para o sujeito” (VILHENA, BITTENCOURT, NOVAES; ZAMORA, 2013, p.119).

A sociedade tem sido requisitada a cuidar dos que cuidam. É possível perceber, nessas situações de escassez de limite, a prática equivocada do autoritarismo em prol do dever de exercer o papel de autoridade, fundamental para a constituição psíquica da criança. “Talvez vivamos uma crise de cuidadores: menos sujeitos sentem-se aptos e dispostos a cuidar e muitos que exercem os cuidados o fazem de forma mecânica e estereotipada” (FIGUEIREDO, 2009, p.138).

É através da hierarquia e separação dos papéis, que a internalização dos limites é viável e conduzida de forma saudável, nos vínculos de cuidado. Já a dificuldade em perceber as necessidades do outro, e a educação pelo medo, prejudica a subjetividade, pois responde ao ambiente pela imposição e não pela internalização do limite organizador – norteador dos valores (PLASTINO, 2009).

As avós inserem-se, assim, no ato em que essa lacuna no exercício da autoridade precisa ser preenchida, para exercer uma função organizadora do psiquismo dos netos.

2

Sociedade de consumo

Ao estudarmos os vínculos de cuidado na atualidade, observamos que o saber individual, a valorização da tradição e os sentimentos de estabilidade e segurança foram dissipados social e culturalmente. A fluidez e a incerteza estão presentes ativamente no cotidiano das pessoas, sendo aspectos da contemporaneidade que interferem na construção das relações, do cuidado e da família. Essas transformações históricas, que perpassaram ao longo dos séculos a vida de todas as pessoas, nos possibilitam discorrer acerca da transição do período moderno para o pós-moderno.

Segundo Bittencourt (2002), a expansão industrial do século XX e as constantes modificações no estilo de vida da população estão intimamente relacionadas com o fenômeno do consumo, tal como é visto na sociedade contemporânea. O desenvolvimento da tecnologia e o avanço das informações facilitaram a comunicação ao redor do mundo e transformaram as relações interpessoais. Com isso, o ritmo de vida foi se transformando e a busca por novos espaços, novas disposições de trabalho e por um modelo de vida diferenciado foi sendo moldado, alcançando patamares inimagináveis.

Intensificaram-se as divergências entre riqueza e pobreza, ocasionadas pelos deslocamentos populacionais e pela desigual distribuição de renda, relativa ao sistema capitalista. Nas classes altas, os níveis de conforto e melhorias da qualidade de vida aumentaram radicalmente. Já para as classes baixas, aumentaram as desigualdades no mercado de trabalho, que refletem problemas sociais como miséria, fome e violência. O fenômeno do consumo afeta todas as classes sociais, sendo um fator determinante na produção de valores e nas relações interpessoais. (BITTENCOURT, 2002)

O *boom* do consumo está relacionado com o aumento da circulação das mercadorias e com a maior facilidade em adquiri-las. O surgimento de serviços de cartões de crédito, cheques, parcelamentos, por volta de 1970, provocou uma radical mudança na vida dos sujeitos (BITTENCOURT, 2002). Com isso, as famílias das classes baixas se inseriram socialmente na aquisição das mercadorias,

sobretudo no que tange aos aparelhos eletrônicos, utilizando esses produtos, em muitos casos, como meio através do qual se sentem pertencentes à sociedade. Através do consumo, as pessoas passam a existir e a serem igualladas hierarquicamente. Não passa despercebido, no entanto, o quanto isso oculta os sentimentos de invisibilidade e preconceito que os excluem da convivência social.

A partir de uma análise subjetiva, direcionada para os vínculos de cuidado entre as avós e seus netos, observamos aspectos da pós-modernidade que sinalizaram interferências nos vínculos de cuidado. A exacerbação atual do saber do especialista que detém todo conhecimento necessário para o cuidado, além do desenvolvimento saudável da criança, desvaloriza o saber da família e da tradição, antigamente vistos como alicerces no cuidado do bebê. Dessa forma, o consumo das informações, dos produtos, e a busca interminável por novos saberes, descarta os valores do passado e a sensação de amparo e contorno que as antigas bases ofereciam, assumindo atualmente este lugar de sustentação para a constituição subjetiva.

2.1

Modernidade e pós-modernidade

Segundo Featherstone (1995), a modernidade surgiu com o Renascimento e foi definida em relação à Antiguidade. O homem moderno tentava constantemente inventar a si próprio. A ciência era vista como autorreferente, ou seja, existia e se renovava com base em si mesma. Sua função primordial era romper com o mundo das “trevas”, que correspondia ao mundo do senso comum e das crenças tradicionais. A visão de ciência enquanto “valor de uso” era inexistente.

O ideal moderno se baseava na conquista, na fé no futuro e na ciência, além do compromisso e dependência mútuos entre capital e trabalho. As empresas dependiam dos empregados para que pudessem produzir e crescer, assim como os trabalhadores eram seus dependentes para terem o sustento. A rigidez e a certeza de que todos os dias seriam iguais proporcionaram o sentimento de segurança e

vínculo no trabalho. Essa união tornava a fábrica um espaço de trabalho duro e ao mesmo tempo seguro e facilitador das conquistas futuras e da realização pessoal. O adiamento da satisfação era um sentimento da modernidade, do trabalho árduo, cujo esforço e dedicação possibilitariam alcançar a felicidade e realizar seus sonhos. O investimento mútuo era o fator determinante para que ambos pudessem manter o outro na devida condição- vivos. (BAUMAN, 2008)

“Os horizontes de tempo da "modernidade pesada" eram de longo prazo. Para os trabalhadores, os horizontes eram marcados pela possibilidade de um emprego vitalício dentro de uma companhia, que poderia não ser imortal, mas cujo período de vida se estendia muito além da expectativa de vida de seus trabalhadores. Para os capitalistas, a "fortuna da família", pensada para durar além da expectativa de vida de qualquer membro isolado, era idêntica às fábricas que eles herdavam, construíam ou pensavam agregar ao patrimônio da família”. (BAUMAN, 2008, p. 34).

De acordo com Santos (1997), o homem moderno acreditava que a História caminhava pela revolução para alcançar estágios mais democráticos e felizes. No entanto, esse otimismo não é visto na pós-modernidade, a qual se caracteriza por transformações na ciência, nas artes, na computação e nas sociedades desde 1950 e que cessou a sensação de continuidade histórica. As pessoas estão cada vez mais individualizadas, centrando-se em si mesmas e investindo em informação, lazer e aperfeiçoamento pessoal. “Vive-se sem as tradições do passado e sem um projeto de futuro. Só o presente conta” (SANTOS, 1997, p.91).

Segundo o autor, existia uma diferença entre a população assalariada na época industrial e na pós-modernidade. Na era industrial, os empregados estavam enraizados em padrões de comportamento sólidos e tinham como objetivo alcançar melhores condições de vida, reivindicando por seus direitos. Todavia, na população pós-moderna, com a constante instabilidade em que se vive, ausenta-se a importância da noção de história e tradição, de modo a sensibilizar diretamente o planejamento do futuro.

Cabe aqui discorreremos um pouco acerca da sociedade disciplinar para melhor ilustrar essa dinâmica e observamos o contraponto com a sociedade atual, flexível. Segundo Foucault, em seu livro *Vigiar e Punir* (2004), a sociedade

disciplinar valorizava além do controle e da imposição de comportamentos definidos. Ou seja, todo o corpo era visto como moldável e suscetível de dominação. As atividades sofriam um rígido regime, no qual se valorizava utilizar o tempo de forma exaustiva, tendo em vista que o seu desperdício e a ociosidade eram considerados um erro moral.

“Houve durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2004, p.117).

Dessa forma, o controle da atividade existia como mecanismo para estabelecer censuras e regulamentar os ciclos de repetição, encontrados nos colégios e hospitais, por exemplo. Nas escolas do século XIX, as atividades começam a ser cercadas o máximo possível por ordens que devem ser respondidas imediatamente. Procura-se garantir a qualidade do tempo empregado, com controle ininterrupto. O tempo deve ser integralmente útil, sem defeito, com boa qualidade e o corpo deve ser destinado a seu exercício. Exatidão e aplicação são as virtudes do tempo disciplinar.

O Panóptico de Bentham é o símbolo que ilustra essa sociedade. A construção em anel dividida em celas e com uma torre no centro estabelece uma armadilha de visibilidade, na qual o vigia, localizado na torre central, é capaz de perceber, sobre a claridade que atravessa todas as celas, os presos em cada uma delas. Bentham inicia o princípio de que o poder devia ser visível e inverificável. O detento não sabe se está sendo vigiado, mas o que importa é a ideia do controle. Enfim, é um mecanismo de fixação dos corpos e de reconhecimento da hierarquia (FOUCAULT, 2004).

Assim, podemos observar através de uma breve conjuntura histórica que: a explosão demográfica, a intensificação dos movimentos migratórios, em especial do campo para as cidades, o crescimento da produtividade e diversificação dos meios de produção, foram questões fundamentais para a implementação da disciplina na sociedade como mecanismo de mitigação de riscos ao seu

funcionamento. Ou seja, o controle era utilizado como um fenômeno de massas, inibindo as agitações, revoltas e organizações populares. (FOUCAULT, 2004).

Hoje, a subordinação individual em prol das regras coletivas foi extinta. O valor fundamental pertence à realização individual e ao enaltecimento da singularidade. O indivíduo regula-se através do direito de usufruir ao máximo sua vida, na qual ser livre é seu principal objetivo. Para Lipovetsky (1989), a queda da sociedade disciplinar dá lugar a uma sociedade flexível, embasada na informação e satisfação das necessidades. A associação entre as modificações dos estilos de vida e do consumo favoreceu este comportamento em prol dos direitos e desejos individualistas. Sendo assim, o cenário pós-moderno representa a saída da organização social padronizada para a aplicação do saber científico. Constatou-se que a informação é a base de tudo e que a ciência é o modo de organizar, estocar e distribuir essas informações. (LYOTARD, 1998)

Não nos cabe enaltecer o termo pós-modernidade, mas promover uma reflexão sobre a sua essência. Adotamos o termo, porém entendemos que outros autores referem-se à mesma temática utilizando-se de: modernidade líquida e hipermodernidade.

O homem pós-moderno passa a conviver com o papel de consumidor de uma informação, altamente volátil, tornando-se ele próprio fluido. Imersos nesse contexto, constroem-se identidades que podem ser descartadas na mesma velocidade com que as informações que circulam na atualidade. Com um desenvolvimento psíquico insuficiente, o sujeito pós-moderno não constrói uma identidade coesa, sendo necessário aglutinar experiências capazes de lhe transmitir sustentação ao longo da sua vida. Logo, observamos o paradoxo pós-moderno: ao mesmo tempo em que este sujeito é determinado pelo egoísmo e glorificação de si, ele perdeu sua identidade, emergindo um enorme sentimento de vazio.

O discurso da sociedade do consumo é pautado na propensão natural para a felicidade, sendo esta tida como referência. “Para ser veículo do mito igualitário, é preciso que a felicidade seja mensurável” (BAUDRILLARD, 1981, p.51). O mito da felicidade surge como exigência de igualdade. Dessa forma, afasta-se

cada vez mais do coletivo, já que por se alimentar da exigência igualitária, se funda nos princípios individualistas.

Exalta os valores do descartável e do substituível que se refletem no âmbito social, transpondo a exclusão concreta de bens e mercadorias. Relaciona-se com a capacidade atual de despir-se de valores, tradições, relações e principalmente dos modos de ser, agir e sentir. Podemos ressaltar que a pós-modernidade é um momento de queda da transmissão de valores e narrativas, substituídos pela norma do comércio. Os comportamentos que passaram a ocupar o sujeito contemporâneo são demasiadamente instáveis e instantâneos, que não se sustentam por muito tempo a ponto de se tornarem base de apoio e confiança fundamentais para a constituição subjetiva.

É essencial situarmos, nesse momento, as avós que nos propomos a estudar, dentro de seu contexto social, para que possamos entendê-las. Viver nos tempos atuais exige perseverança, mais ainda no campo em que pretendemos pesquisar, pois em um mundo no qual os alicerces sólidos e o conhecimento passado através das tradições e da narrativa - principalmente materna - não são valorizados. As avós têm sido fortemente requisitadas a ocuparem esse papel de resgate do cuidado espontâneo e da transmissão dos valores e regras.

“Com efeito, a subjetividade construída nos primórdios da modernidade tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridade e reflexão sobre si mesma. Em contrapartida, o que agora está em pauta é uma leitura da subjetividade em que o autocentramento se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade. Com isso, a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica”. (BIRMAN, 2000, p.23).

O mundo atual apresenta a concepção de tempo de uma forma cada vez mais acelerada, na contramão do tempo individual e interno de cada sujeito. Tempo este da construção e do vínculo - que simbolizam o processo (BAUMAN, 1998). Com o descompromisso atual em relação ao outro e suas diferenças, e a enxergar a existência de algo para além do ser individual, ressaltamos a dificuldade que as figuras parentais estão tendo para cuidar dos seus filhos. O

tempo e a qualidade no investimento que é demandado estão sendo oferecidos de maneira diferenciada (FÉRES-CARNEIRO, 2015). Quando esse processo de constituição coeso e necessário para o desenvolvimento saudável da criança é ameaçado, é crucial refletirmos sobre esses impactos da vida contemporânea na continuidade dos vínculos de cuidado.

Consideramos que para vivenciar essa continuidade do cuidado, o sujeito deve se encontrar solidificado em um ambiente acolhedor e firme, já que a presença e troca com o outro possibilita a sua constituição. É nesse vínculo mãe-bebê, cuidador-bebê, que se cria um solo fértil para a construção do suporte. É através desse vínculo com a alteridade que a edificação de um sentimento de pertencimento e origem é formada. Assim, o conviver e a transmissão do cuidado pelos atos, pela fala e pelo olhar possibilitam a construção da identidade.

Os vínculos, outrora estabelecidos, eram expressos de forma duradoura e regular, e amparavam o sujeito. Hoje, no entanto, ganham a dimensão de frágeis. Como consequência da instabilidade contemporânea, podemos observar, conforme dito anteriormente, uma dificuldade em criar raízes e vínculos, afetando diretamente a capacidade de criar. Uma enxurrada de informações recai sobre a sociedade, acometendo as experiências e as trocas interpessoais, essenciais para a vida humana. Nos dias atuais, falamos de uma ligação em rede, que possibilita a conexão ininterrupta, instantânea e universal. Ao mesmo tempo em que a comunicação ao redor do mundo foi ampliada com essa conexão, também foi possível perceber o sentimento de rompimento e esvaziamento das relações.

Segundo Bauman (1998), viver em tempos líquidos significa estar rodeado por sentimentos de insegurança e fluidez ininterruptos. Assim, a queda dos referenciais simbólico-institucionais, consistentes tanto do Estado quanto da família, acarreta essa sensação expressa por Bauman de desconfiança, rompimento das tradições e de insegurança social. Esses sentimentos de insegurança propiciam nos sujeitos contemporâneos a busca incessante por orientação, nos mais variados âmbitos.

Essa busca por orientação, por saberes externos que ditem o andamento e funcionamento da vida particular, está intimamente vinculada ao notório aumento do exercício da função materna pelas avós. A queda no referencial familiar, na

espontaneidade do cuidado e na valorização do saber são aspectos que podem influenciar nos vínculos atuais de cuidado mãe-bebê, necessitando estas de apoio de suas mães para resgatar a tradição e a capacidade de cuidar suficientemente bem das crianças. A aparência e a satisfação, o poder e o status, são hipervalorizados, exibindo uma realidade vivenciada por ilusões que mascaram as dores e as angústias vinculadas aos sentimentos de falta e impotência, resultados da percepção consciente da impossibilidade de atingir a imagem de felicidade e sucesso sem fim propagada na sociedade de consumo. (BITTENCOURT, 2005).

A constante dificuldade de existir em um mundo, no qual se valoriza a individualidade frente ao coletivismo e as relações, possibilita percebermos os inúmeros sintomas acarretados por esse afastamento subjetivo, o qual podemos chamar de desumano. De que forma poderíamos resgatar princípios, regras e tradições para construir uma vida satisfatória na sociedade contemporânea, que enaltece constantemente o tempo do consumo em detrimento do tempo do afeto e do criar?

Como contraponto à velocidade e à incerteza pós-moderna, é crucial resgatar a vivência do tempo singular, representado pela criatividade e pelo afeto. É através desse tempo que sobrevivemos às exigências externas, as quais buscam cada vez mais direcionar o tempo em favor das funções de trabalho e produção, isolando o sujeito dos vínculos construtivos e necessários para uma vida saudável.

2.2

Uma concepção contemporânea do conceito de limite

Tendo como partida as distintas características da modernidade e da pós-modernidade, pudemos melhor situar o leitor no enquadre desta pesquisa. No entanto, nos utilizamos dessa contextualização histórica para servir de solo fértil e assim abordar sobre as novas configurações familiares e a concepção atual do conceito de limite.

Assim como nós necessitamos de um ambiente favorável, coeso e que atenda às nossas necessidades de forma espontânea e intuitiva, também

precisamos construir um caminho sólido para alcançar o objetivo deste estudo. Através do amparo e respaldo histórico somos capazes de seguir na direção da construção e discorrer acerca desses aspectos na contemporaneidade.

As transformações familiares ocasionaram novas disposições e configurações que apresentam nomenclatura e informações recentes para muitos. A família hoje pode ser pensada de diferentes formas: uma unidade doméstica, educadora, um conjunto de parentesco, e de inúmeras outras formas (VILHENA, 2005). Independentemente do modo pelo qual ela se apresenta, uma questão é indubitável: sua importância no desenvolvimento psíquico da criança.

Além das representações tradicionais anteriormente abordadas, precisamos refletir sobre a família hoje. A concepção de família acabou ou uma nova forma de se entender o conceito de família foi criada? A crise dos valores, tradições e do tempo em família – reuniões ao redor da mesa e a rígida educação –, ideais do patriarcado, são um assunto que devemos questionar.

O sentimento de ambivalência que versamos, inicialmente, nos faz questionar tal movimento. Parece que a sensação de desamparo, insegurança e medo que a sociedade atual proporciona leva-nos a buscar um resgate das antigas e conhecidas instituições, como salvação para segurança e felicidade que, ilusoriamente, ofereciam no passado.

Por isso, aqui abordamos sobre a queda da tradição na atualidade e o resgate pelas avós do papel de autoridade, como um organizador do psiquismo dos netos, sendo um ambiente nutridor satisfatório para o vir a ser sujeito (WINNICOTT, 1960b). Apesar de observarmos o movimento de crise de autoridade, não estamos vangloriando o passado. Estamos, sim, enfatizando a importância dos limites e da manutenção hierárquica familiar no cuidado das crianças.

Perceber o outro como transmissor de conhecimento, amor, carinho e de ordem é o papel da família – do cuidador. Cuidar está para além da permissão constante, é preciso colocar limites e gerar frustrações para que a criança seja capaz de sentir que existe um mundo para além da díade mãe-bebê. A internalização dos limites e o lidar com a frustração, são mecanismos primordiais

que possibilitam o surgimento da identidade do sujeito e o seu desenvolvimento da capacidade de criar. Só a partir da ilusão que podemos desiludir. Quando não somos capazes de lidar com a frustração, permanecemos passivos, imóveis. O processo criativo se dá quando sentimos a frustração e a partir dela criamos uma saída, uma alternativa. (WINNICOTT, 1960b).

Segundo Almeida (2000):

“[...] os impulsos e as tendências naturais da criança devem ser representados para que se forme uma organização interna que possibilite ao indivíduo concretizar criativamente suas potencialidades. Se exagerarmos no ‘represamento’ mataremos a criatividade na sua fonte, criando pessoas inseguras, inibidas e culpadas. Se falharmos no sentido oposto, não fornecendo amparo suficiente para que a criança se estruture internamente, corremos o risco de gerar pessoas impulsivas, caóticas, que não conseguem realizar coisa alguma por falta de organização”. (ALMEIDA, 2000, p.56)

Educar requer, assim, muita sensibilidade, atenção e disponibilidade – tanto interna quanto externa. Ser capaz de perceber e reconhecer em si os sentimentos e sensações que vivencia em cada situação, permite-nos reconhecer os sentimentos e necessidades do outro, acriança. É seguir o desenvolvimento do bebê de perto, o apoiando. A sustentação materna ao bebê ilustra esse processo, pois o cuidador está presente para auxiliar, sustentar e acompanhar, não segurar. É a presença enérgica que transmite à criança a sensação de amparo frente a situações ameaçadoras e desconhecidas. É crucial pontuarmos que esse auxílio deve acontecer de forma tranquila, não invasiva, respeitando o movimento da criança e transportando a ela confiança nas suas capacidades.

O conceito de limite no viés psicanalítico é o contorno, o continente, construído através do investimento da relação mãe-bebê. A *mãe suficientemente boa* transmite ao bebê os nutrientes necessários para sua satisfação, inicialmente fisiológica e depois psíquica. A partir da internalização dos aspectos externos e a percepção da existência de um mundo para além da mãe, começa o processo rumo à independência do bebê. A percepção de si enquanto todo, diferenciado da mãe, só pode existir a partir do reconhecimento da sua existência pelo investimento do outro. Reconhecer a alteridade e sentir-se como um todo, integrado e diferenciado (WINNICOTT, 1960b).

Segundo Fontes (2014), essa integração do bebê é sentida como um círculo. A delimitação de fronteiras corporais permite ao bebê sentir seu corpo: braços, pernas, sangue, órgãos. Ser capaz de conter seus sentimentos, movimentos, sentir-se inteiro, “virando gente”⁸. Sendo assim, somente a partir dessa integração e sensação corporal que somos capazes de internalizar os limites internos e externos. Para entendermos e assimilarmos regras e normas, precisamos nos sentir coesos e estruturados internamente.

Com os sentimentos atuais de aceleração, individualização e incerteza, que contextualizamos no início do capítulo, observa-se uma inversão dos papéis familiares e uma dificuldade em colocar limites nas crianças. A sociedade contemporânea caminha em direção à satisfação completa das necessidades, na busca sem fim por realização individual (BAUMAN, 1998). Colocamo-nos como iguais, sem conseguir estabelecer a autoridade parental e limite. A noção de autoridade – legítima dos pais -, então, começa a ser sentida como autoritarismo, como ameaça a esta felicidade (VILHENA, 2005).

O ditado “faça o que eu digo, não faça o que eu faço” pode se encaixar muito bem aqui. Com cuidadores imersos no estilo de vida contemporâneo, é fundamental analisarmos no futuro esses impactos na construção da identidade dessas crianças. O limite é essencial para nos constituirmos e convivermos de forma saudável; no entanto, hoje em dia é disseminada a ideia de “proibido proibir”, ocasionando uma crise da função paterna. “A não imposição de limites, o ‘medo’ de desaprovação que norteia o comportamento do adulto, redundam em uma espécie de abandono da função paterna – da responsabilidade e da autoridade” (VILHENA, 2005, p. 9).

Segundo Vilhena, Bittencourt, Novaes e Rosa (2017), para o bebê adquirir autonomia é imprescindível a existência de um ambiente nutridor satisfatório nos primórdios da vida. Somente assim que a total dependência pode ser superada, paulatinamente, seguindo rumo à independência.

As intensas mudanças, os inúmeros meios desenvolvidos para adquirirmos mercadorias e informações, a crise econômica e a busca por sobrevivência são

⁸ Termo utilizado por Ivanise Fontes (2014).

paradoxos da contemporaneidade. No âmbito familiar, sentimo-nos cada vez mais distantes e no âmbito pessoal o desejo individual não aparece (VILHENA, 2005). A necessidade de consumir está presente em todas as classes, não estando à população pobre excluída desse estilo de vida. Estão inseridos nesse meio e repetem o movimento como forma de se sentirem pertencentes socialmente, e assim serem vistos.

De acordo com a autora:

“O que observamos então é que a família, herdeira do individualismo, sente a refração em si mesma deste mesmo individualismo exacerbado, fazendo com que cada vez mais se façam ouvir os clamores, muitas vezes nostálgicos, pela volta dos valores tradicionais, pelo respeito aos mais velhos, pelo compromisso com o outro” (VILHENA, 2005, p. 6-7).

Vinculamos, então, o consumo nessas classes populares e o seu uso como meio através do qual transmitem carinho e amor às crianças. Devido à intensa rotina de trabalho e a crise econômica que vivenciam, ocasiona um movimento antagônico. Para preencher a falta na vida das crianças e poder proporcionar a elas o que, em muitos casos, não puderam ter, consomem. Assim, carecem em manter o vínculo com o emprego tanto para suprir os gastos, como por sobrevivência.

De acordo com Vilhena e Novaes (2012) as mulheres nas camadas populares apresentam uma percepção da imagem corporal distinta das mulheres das classes altas, sinalizando outras representações em torno da comida. A mulher muito magra pode ser confundida com miséria e privação. Dessa forma, a transmissão de carinho pela comida é comum nessa dinâmica. Devemos entender a comida para além da fome, do fisiológico. É um nutriente da experiência psíquica.

Dar aos filhos/netos alimentos, brinquedos, é a forma pela qual essas mulheres estão vinculadas historicamente. É oferecer a eles o que nunca puderam ter e, em contrapartida, suprir a sua ausência na rotina da criança. O sacrifício do dinheiro assume o papel da presença física e do amparo. Assim, consumir essas mercadorias e adquirir mais informações é uma maneira que utilizam para transmitir amor.

No entanto, como a criança estará recebendo essa informação é o ponto crucial que gostaríamos de refletir. O diálogo e a explicação devem andar em paralelo. Cada criança receberá essa mensagem de uma maneira singular, embora seja papel do cuidador dar um significado e conduzir no uso desses objetos. É imprescindível delimitar um contorno, uma rotina, para internalizarem os limites externos e viverem em harmonia com as regras que a sociedade irá lhes demandar no futuro.

Não é justo, contudo, que toda a responsabilidade pela educação e condução da criança recaia sobre a família, já que vivemos um momento de descontinuidade dos vínculos e perda de referencial tanto na vida privada quanto na pública. É notório o descaso do Estado com as suas atribuições e a delegação ao terceiro setor de suas responsabilidades (VILHENA, 2005), embora, o débito com suas obrigações afete diretamente a manutenção desse setor.

Enfatizamos que a base de tudo está no cuidar, no investimento em si para podermos investir no outro, na nossa cultura, nos valores e nas tradições. Sem entrarmos no discurso nostálgico, mas sim construindo novas formas de convivência, respeito e relacionamento (VILHENA, 2005). Precisamos criar meios de adaptação às transformações intensas que sofremos social e culturalmente, debatendo e trocando experiências para alcançarmos tal objetivo.

3

As avós cuidadoras

3.1

Metodologia

A partir da perspectiva teórica descrita nos capítulos anteriores, procuramos analisar os vínculos de cuidado entre avós e netos nos dias atuais. Realizamos uma pesquisa qualitativa, consistindo em entrevistas semiestruturadas ocorridas individualmente com as avós vinculadas a uma das instituições (União das Operárias de Jesus - UOJ) em que o projeto Cuidando de Quem Cuida está em processo, e com uma avó ex-participante do projeto. Assim, foi necessário delimitarmos o perfil das participantes que seriam entrevistadas.

3.1.2

Sujeitos

O estudo contou com a participação de cinco avós e uma tia avó - que se nomeou avó - das classes baixas da população carioca. Observamos a necessidade de alguns critérios para a pesquisa: 1) as entrevistadas deveriam ter algum vínculo já estabelecido com o projeto - ex-participante ou participante - e com a pesquisadora, pois o tema indaga questões muito particulares e de difícil diálogo, sendo fundamental acolhimento e cuidado pré-estabelecidos; 2) que estivessem vivenciando o papel de cuidadora dos netos, ou seja, a função materna.

As entrevistadas apresentam idade de 55 a 67 anos, nenhuma possui formação superior e apenas duas completaram o ensino médio. Observamos dois dados importantes: todas as avós são maternas e que, as dividindo, observamos ocupações de serviços gerais, aposentadas e do lar, sendo estas últimas as que apresentaram maior grau de escolaridade.

No campo de pesquisa, os encontros realizados pelo projeto ocorrem mensalmente, tendo em média uma hora de duração. Todo o ambiente é

organizado com o objetivo de cuidar dos pais, cuidadores e responsáveis pelas crianças que estudam na instituição.

A seguir, estruturamos em uma tabela os dados completos das participantes. Cabe ressaltar que por motivos de sigilo e preservação da identidade das mesmas, optamos por colocar as iniciais dos seus nomes.

Nome	Idade (anos)	Profissão	Escolaridade	Parentesco
C.	58	Do lar	Ensino médio	Avó materna
R.	55	Serviços gerais	Primeiro grau	Avó materna
S.	67	Acompanhante	Primeiro grau	Avó materna
M.J.	65	Aposentada	Quinta série	Avó materna
J.	64	Aposentada	Sétima série	Avó materna
N.	63	Do lar	Ensino médio	Avó materna

3.1.3

Cuidados éticos

Submetemos o presente estudo ao comitê de ética da PUC-Rio. Todas as participantes foram informadas pela pesquisadora dos objetivos e procedimentos da pesquisa, assim como do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual leram e assinaram. Foram feitas duas cópias, uma permanecendo com a pesquisadora e a outra com a avó, sendo a condição fundamental para participarem da pesquisa. Todas participaram de forma espontânea e voluntária e a elas foi garantido o sigilo das informações e a precaução de que a entrevista não lhes oferecia risco, mas poderiam interromper a conversa a qualquer momento que desejassem e caso não estivessem confortáveis com alguma pergunta, não seriam obrigadas a responder.

Foram realizadas entrevistas com as avós participantes e ex-participantes do Projeto Cuidando de Quem Cuida, ao qual a pesquisadora continua vinculada. Assim, foi combinado com as avós que a devolução do material colhido ocorreria ao fim do processo, já que a pesquisadora se disponibilizou a dar um retorno às

entrevistadas sobre a conclusão do estudo. A entrevista semiestruturada foi utilizada como instrumento favorável para uma escuta sensível e atenta, e por possibilitar um espaço no qual as manifestações de afeto poderiam ser compartilhadas.

3.1.4

Instrumentos

Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada contendo perguntas inicialmente elaboradas a partir da revisão teórica, servindo de embasamento para as questões que buscávamos investigar. As entrevistas ocorreram individualmente, na instituição à qual as avós estão vinculadas e onde o Projeto Cuidando de Quem Cuida está sendo realizado. O local foi escolhido tanto pelas próprias entrevistadas como pela UOJ, que disponibilizou a sala e acolheu a pesquisadora para realização do seu trabalho. A única avó que preferiu ser entrevistada em casa foi a ex-participante do grupo, que era vinculada à outra instituição, antiga parceira do projeto. Realizamos os encontros de acordo com a disponibilidade, conveniência e preferência das mesmas.

Foi realizada uma entrevista piloto, com o intuito de verificar a harmonização das perguntas do roteiro com os objetivos do estudo. Isto é, foi utilizada somente para estes fins, não sendo aplicada como material na análise dos dados. A entrevista nos permitiu perceber a importância do vínculo pré-estabelecido entre a pesquisadora e a participante.

Utilizamos um roteiro oculto semiestruturado, com perguntas chaves, com o intuito de valorizar o caráter de uma conversa informal e ao mesmo tempo fortalecer o vínculo e a confiança, pré-estabelecidos entre a pesquisadora e as avós. Com isso, observamos que elas se sentiram mais a vontade e puderam se expressar de forma espontânea. O roteiro da entrevista serviu como norteador, possibilitando uma flexibilidade maior quanto ao ordenamento das perguntas frente aos conteúdos, que foram sendo trazidos pelas participantes de forma a não perdermos os objetivos do trabalho. Assim, as perguntas puderam ser alteradas de acordo com o andamento da conversa.

Além disso, um questionário sócio demográfico também foi aplicado para recolher dados relevantes das participantes. Dados estes ilustrados na tabela mais acima.

3.1.5

Análise dos dados

Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização das avós e transcritas detalhadamente em seguida, para conservar todo o material. Pausas, hesitações, entre outras observações no discurso das participantes foram mantidas na transcrição. O material foi avaliado por meio da Análise de Conteúdo desenvolvida por Laurence Bardin (2011).

Segundo a autora, a análise do conteúdo se divide em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados. Na pré-análise, as entrevistas foram transcritas e unidas. Na exploração do material, as informações foram ordenadas em temas. O material foi reunido em unidades de registro, a partir da escolha de categorias comuns. Por último, interpretamos os dados coletados (BARDIN, 2011).

3.2

Resultados e discussão

Ao nos propormos a pesquisar os vínculos de cuidado entre as avós e seus netos, indagamos sobre possíveis questões contemporâneas - como a incerteza e a insegurança - que pudessem influenciar o movimento das avós como cuidadoras principais dos seus netos, intensificado nos dias de hoje. Objetivamos analisar os vínculos entre as avós cuidadoras e seus netos, inseridos em uma sociedade que transborda sentimentos de dúvida e valoriza o “ter” em prol do “ser”, enfatizando a aquisição material enquanto signo de localização e pertencimento social.

As inseguranças atuais afetam as relações mãe-bebê de forma geral nos cuidados, nos vínculos, ou seja, em todos os aspectos da vida humana. Dessa

forma, em busca de melhores condições para as crianças, essas avós assumiram o papel materno integralmente em um ato espontâneo de cuidado, para que, assim, seus netos possam se desenvolver de forma saudável (WINNICOTT, 1960b). Vale ressaltar que essas avós também estão inseridas no mesmo meio que suas filhas e submetidas a essas questões contemporâneas; no entanto, estariam elas apresentando outros comportamentos e olhares, pelo fato de pertencerem a uma outra geração?

Antes de buscarmos responder tal questionamento, acreditamos ser relevante incluir alguns outros aspectos da vida contemporânea, fundamentais para o estudo dos vínculos de cuidado. Além disso, sublinhamos que o perfil das participantes a que nos atemos está localizado nas classes menos favorecidas da sociedade carioca.

Voltemos, então, à História para contextualizar comportamentos e visualizarmos sua repetição ao longo dos anos. Desde o Brasil Colonial, conforme abordamos no primeiro capítulo, a mulher das classes menos favorecidas é vista como chefe da família, provedora. Isto porque cabia a ela o sustento da casa e o cuidado dos filhos, já que em muitos casos não eram casadas ou os homens não faziam parte da vida familiar. Assim, as avós maternas auxiliavam no cuidado das crianças (DEL PRIORE, 1993).

Posto isto, as avós das classes menos favorecidas desde muito tempo assumem o papel de apoio às suas filhas no cuidado das crianças. Mesmo com as transformações no conceito de família, que abordamos anteriormente, as disposições familiares nos baixos segmentos populacionais tenderam a se manter. As moradias das famílias pobres são diminutas, em muitos casos ficando todos os membros acomodados num único quarto. A limitação do espaço de apenas um cômodo afeta a delimitação e a aplicação dos papéis familiares, desafiando as figuras parentais a criarem estratégias de convivência (DEL PRIORE, 1997). Embora esses aspectos permitam enxergarmos comportamentos repetitivos das avós nesse auxílio materno, salientamos que esses comportamentos estão sendo exercidos como função principal e não mais de apoio. Em meio a uma sociedade em crise econômica, se faz necessário o retorno ao trabalho para sustentar tanto os netos quando a moradia, como observamos em alguns dos casos entrevistados.

A capacidade de cuidar, de se sentirem disponíveis internamente para criar seus netos, é uma questão relevante, mas ao mesmo tempo longe de ser generalizável. Ressaltaremos aqui as interferências do ambiente que favorecem tais comportamentos, pois ao longo desta pesquisa nos direcionamos a partir da fala e do olhar das avós, sendo válido e relevante outros estudos com enfoque nas mães e nas crianças.

Os momentos de crise pelos quais estamos passando são vivenciados por essa população de forma exacerbada, necessitando da rede de apoio, tanto familiar quanto institucional, para cuidarem e serem cuidados. A elevada exigência atual por rendimento, especialização, disponibilidade e dedicação direcionadas para a área profissional, impulsionam o discurso atual de que todos podem ser substituídos, colocando a vida humana no patamar do descarte material e da fluidez – inerentes da sociedade pós-moderna (BAUMAN, 1998).

Não querendo parecer redundante (nem tampouco favorecedor de um período ou de outro), é importante refletirmos sobre o saber na modernidade e na pós-modernidade. Não o saber filosófico, mas o saber médico, que ganhou notoriedade e peso com o passar dos anos. Para isso, ilustraremos alguns aspectos desse percurso para fundamentar esta reflexão. Com a introdução da medicina preventiva e o enfoque na saúde e bem-estar, na qualidade de vida para além da cura, intensificaram-se, devido aos fatores da sociedade contemporânea (a aceleração, a insegurança e a incerteza), a busca pelo olhar e proteção que estão sendo sentidos e percebidos cada vez mais de forma escassa e pontual (BAUMAN, 2008).

Com o conhecimento sendo transferido ao médico, ampliaram-se as discrepâncias entre o saber tradicional da família e o saber científico atual (LYPOVETSKY, 1989). Os anseios contemporâneos pela “vida plena” e pela felicidade constante geram impossibilidades de transparecer problemas e questões humanas, que sinalizam nossa finitude. A valorização do “ser olhado” ao invés do “ser visto”, enfatizou os comportamentos a favor da aquisição de informações de forma descoordenada, sendo necessário “consumir” o saber oferecido como meio através do qual podemos nos sentir vivos, em movimento, felizes e pertencentes à sociedade, que produz ininterruptamente esse movimento em um ciclo vicioso.

Sentimo-nos pertencentes a ela e, ao mesmo tempo, a moldamos através do comportamento individual.

Logo, essa valorização do saber enquanto bem de consumo, torna-se primordial tanto para a inserção no mercado de trabalho - exigente de “pós” e currículo diferenciado - quanto para cuidado e desenvolvimento da saúde das crianças, sinalizando a troca do saber dos mais velhos (avós, detentores da sabedoria) para o especialista. O idoso torna-se “ultrapassado” nas informações, no atual manuseio tecnológico dos brinquedos e da dinâmica contemporânea, não sendo muito requisitado em algumas situações por não serem vistos nessa lógica atual do funcionamento social.

Vindos de outra época e tradições/valores que não existem mais hoje, são colocados pela sociedade de lado com relação ao saber e transmissão do que viveram, pois hoje são, em alguns aspectos, inexistentes. Apesar do aumento da procura pelo saber do outro especializado, a insegurança e desconfiança no discurso também se intensificaram, não sendo suficiente ouvir um único especialista (LYPOVETSKY, 1989). É preciso ouvir a posição de vários para poder tomar uma decisão com “segurança”.

Aqui, a incerteza aparece na mesma intensidade com que esse discurso é procurado. O amparo e a solidez dos vínculos estão deficientes (VITALE, 2003). Podemos propor essa analogia entre a aquisição do saber e a queda no valor da tradição, à sensação de desconfiança para com o próximo, no seu comportamento ser real ou não, exatamente por vivermos nessa sociedade imagética, como dizia Debord (1997). Ao mesmo tempo em que as avós estão inseridas socialmente nesse discurso do saber especializado, científico, observamos comportamentos e relatos direcionados para esse resgate dos valores e tradições, que receberam de seus familiares para transmitir aos seus netos.

“A solidariedade familiar intergeracional parece estar sendo exigida, cada vez mais, como recurso potencial para o enfrentamento das demandas sociais e econômicas que desafiam a família para encontrar saídas. É nesse quadro que os avós se tornam as novas personagens do mundo familiar? ”. (VITALE, 2003, p. 98)

Dessa forma, o Projeto Cuidando de Quem Cuida opera como mediador no fortalecimento dos vínculos entre os pais e responsáveis participantes. Tem como objetivo principal cuidar desses cuidadores, que em meio a todas essas questões supracitadas necessitam de amparo e apoio. Através das trocas e da construção de um vínculo fortalecido, os participantes adquirem sustentação necessária para que possam continuar cuidando de seus filhos/netos.

Assim sendo, torna-se necessária a explicação de como se dão os encontros no local escolhido como campo de pesquisa para este trabalho, onde as reuniões com os responsáveis ocorrem mensalmente, tendo uma hora de duração.

São realizadas a partir de temas sugeridos no primeiro dia do grupo pelos próprios cuidadores e pela equipe da instituição, na qual estamos vinculados. O objetivo do projeto é proporcionar um ambiente de cuidado e acolhimento para todos os cuidadores participantes, sinalizando a importância de cuidarem de si para depois poderem cuidar das crianças.

Os grupos de reflexão promovem trocas de informação e a criação de vínculos que possibilitam o debate, a confiança e a proximidade entre os responsáveis, assim como entre eles e nós da equipe executiva e a instituição. A possibilidade de diálogo e a existência de um espaço delimitado para cuidar deles e ouvir suas dúvidas instiga à reflexão.

Pudemos observar ao longo das entrevistas questões que dificultaram e/ou impossibilitaram às mães de exercerem sua função materna. Mais adiante citaremos cada uma; no entanto, abaixo selecionamos depoimentos referentes às questões de: (des)comprometimento parental, mães que trabalham e impossibilidade materna.

“Se ela quiser vir ver a filha dela ou falar alguma coisa, ela vem aqui. [...] Aí ela falou – Leva ela que eu vou ficar com ele e não dá pra eu ficar com os dois. Aí, sendo que ela já estava... não estava cuidando, porque pros vizinhos do lado chamarem o conselho tutelar pra ela”. (M.J)

“[...] Eu levanto, esquento o leite, quando a mãe se levanta, ela o veste. Eu arrumo toda a roupa na mochila, coloco a roupa passada na mochila, a toalha, tudo pronto. Ela só o veste e o trás todos os dias. Daí eu apanho. Porque ela não tem quase tempo de ficar em casa [...] O dia todo sou eu com ele. A mãe

chega mais tarde do trabalho, uma hora, quando ele já está dormindo. Por isso ele quase não convive com ela”. (N)

“Eu fiz de tudo pra que ela ficasse comigo, mas... eu vi que não estava dando, a minha opinião não era a dela, meu esforço estava só indo embora, entendeu. Aí chegou uma hora que o relacionamento cortou [...] o que me confortou mesmo foi o neto. Ela não tem nenhuma capacidade de criar, entendeu. Ela pegou um problema seríssimo quando criança, bebê, que eu não sei o que partiu lá. O que que houve lá na casa das parentes. Sei que ela perdeu uma visão e ela tem um pouco de motricidade lenta, entendeu”. (J.)

Foram observados através dos relatos das avós diversas causas de ausência das mães: descomprometimento, não cuidando do filho; morte; impossibilidade física; carga intensa de trabalho e violência contra a mulher. Tanto na situação de abandono materno quanto da morte da mãe, ambas as avós entraram com o pedido de guarda compartilhada de seus netos na justiça e conquistaram esse direito.

“Então, ficou a guarda pra mim e pra ela, que é a guarda compartilhada. Então, ela tem os direitos dela e eu tenho os meus. Eu não tiro os dela, mas ela não procura o filho. O filho está aí, morrendo de saudade”. (J.)

“Minha filha quando partiu, o B. tinha um ano e um mês e a A. ia fazer dois anos. Houve uma guerra muito grande na justiça. O pai sem recurso, sem trabalho, sem nada. Sumiu com eles [...] Pra ele devolver foi horrível, horrível. Quase um ano pra ele me devolver. Esse período foi muito difícil, muito difícil. Eles vieram de lá completamente diferentes do que foram”. (S.)

Segundo Sarti (2003):

“Nos casos de instabilidade familiar, por separações e mortes, aliada à instabilidade econômica estrutural e ao fato de que não existem instituições públicas que substituam de forma eficaz as funções familiares, as crianças passam a não ser uma responsabilidade exclusiva da mãe ou do pai, mas de toda a rede de sociabilidade em que a família está envolvida”. (SARTI, 2003, p. 77).

Essas avós passaram a assumir o cuidado de seus netos de forma integral. Desde o carinho, a alimentação e a educação até o sustento financeiro e o exercício da autoridade. Foram introduzidas novamente na dinâmica de cuidar,

principalmente nos cuidados básicos iniciais, que há muito não lhes era vivenciado.

“Eu gostei, porque agora... ultimamente eu estava sozinha. Adorei. Primeiro que eu nunca tive uma filha mulher, né. Não sei nem como arrumar ela direito, mas eu que cuido dela. Cuidava mais de homem. E também porque eles foram todos embora e eu fiquei sozinha”. (M.J)

A crise econômica pela qual estamos passando ocasiona o aumento do desemprego, da desigualdade social e da pobreza. Esses aspectos afetam de forma intensa as camadas populares, ampliando suas dificuldades e a deficiência de políticas públicas e sociais que visem à melhoria de tal situação. Isso implica o aumento da contribuição financeira na família por essas avós, demonstrando cuidado e suporte (VITALE, 2003). A ajuda financeira dessas avós aposentadas, em especial aquelas que têm duas fontes de renda – aposentadoria e trabalho informal – desempenha um papel decisivo na organização da família (PEIXOTO 2004 APUD OLIVEIRA & SILVA, 2012).

Em um dos casos, a avó é aposentada e necessitou retornar ao mercado de trabalho para ampliar suas condições de criar o neto e sustentar a família. É muito comum observarmos esse movimento das avós aposentadas no auxílio financeiro familiar. As condições em que vivem os netos e as filhas tende a mobilizá-las no movimento de oferecer auxílio. Nas classes baixas os idosos integram o sistema de apoio mútuo, sendo necessário ressaltar que trocas informais acontecem dentro da dinâmica familiar. Dessa forma, as avós cuidadoras mesmo com sua pouca aposentadoria procuram ajudar nas dificuldades familiares. Cabe ressaltarmos que todo movimento e transformação não acontecem sem apreensões e conflitos na família. (VITALE, 2003)

“[...] quando aparece alguma coisa pra eu fazer, eu faço, mas quando não tem eu fico na minha casa mesmo, cuidando da minha casa e cuidando dela, das coisas dela [...]A menina não conhece a mãe. Ela deixou com seis meses e não voltou mais. Aí não conhece a mãe, não. Ainda vou fazer ela conhecer, pra ver o que que ela vai falar. Ela ainda não conhece a mãe, não. A mãe dela sou eu, por enquanto né”. (M.J)

Com a análise do material colhido nas entrevistas, selecionamos alguns temas que se apresentaram de forma recorrente no discurso das participantes, originando as seguintes categorias de análise: Mães-avós; Cuidado; Contraste geracional; Limites.

3.2.1

Mães- Avós

Conforme dito anteriormente, nas classes populares a figura da avó como suporte para o cuidado das crianças sempre esteve presente. O apoio à mãe, chefe de família, responsável pelo sustento da casa e da criação dos filhos, diz respeito a um padrão cultural da família pobre, que configura uma rede de obrigações morais que envolvem seus membros. (SARTI, 2003).

A aceleração contemporânea, assim como a ampliação dos meios para aquisição de mercadoria e a valorização material, intensificaram as sensações de insegurança, desamparo e dúvida quanto ao futuro (BAUMAN, 2001). Isso porque ao mesmo ponto em que se propaga o discurso de acesso universal e igualitário às mercadorias, torna-se discrepante as distinções entre as classes sociais e as possibilidades de obtenção das mesmas. Dessa forma, preocupações quanto ao sustento da família, qualidade de vida e realização pessoal aparecem de forma ambivalente.

Essa sensação de ambivalência que estamos vivenciando hoje pode ser experimentada a partir dos sentimentos de carência, decorrentes da desordem em que a sociedade se apresenta. Possibilita assim, com que busquemos a segurança na família que antigamente imaginávamos ter o amparo. (VILHENA, 2005). A queda atual do valor da tradição, das referências que hoje não estão mais presentes na família, e sim no saber especializado, externo (LYPOVETSKY, 1989).

“[...] são valores que vão se deteriorando porque eu acho que não tem mais aquele pulso firme que se tinha antigamente. Eu que cuido dos meus netos... né. Porque eu acho que é muito importante a família tá ali, né. Eu sei que outra pessoa não vai cuidar como eu que sou vó cuida, né”. (C.)

No entanto, esse saber científico não deve inibir o saber intuitivo transmitido de mãe para filha nos seus cuidados primordiais. Destituí-las desse conhecimento em nome de uma ciência da técnica, de ser mãe, é uma violência. A relação mãe-bebe, o gesto espontâneo - fundamental para a sustentação e constituição psíquica da criança - é singular, necessitando de apoio do ambiente externo para se constituir. (WINNICOTT, 1960b).

“Eu tinha que cuidar dela e dele, né. Assim que ela teve a criança, ela gostou, mas eu senti uma frieza muito grande nela. Uma frieza, não era aquela coisa de ah meu filho, ah eu amei, não. Ela se tornou uma mulher assim, meia... não sei. Como quem diz, não era agora. Ele não era pra ter vindo agora. E eu o vi nascer, vi sair de dentro do ventre dela, vi mesmo, eu vi. E dali já peguei amor”. (J.)

A partir do material analisado, observamos que as avós assumem o lugar de mães-avós por necessidade, para que o neto não fique sem cuidado, já que podemos encontrar relatos de incapacidade materna e impossibilidade de cuidar, devido à carga horária intensa de trabalho. Sendo ao mesmo tempo um pedido de apoio e uma espontaneidade dessas avós em cuidar dos netos. Segundo Winnicott (1960b), o conceito da *mãe suficientemente boa*, quando é internalizado no sujeito, permite que transmita a seus filhos/netos o cuidado necessário para o seu desenvolvimento saudável. De que forma então, podemos observar tal movimento? Tratam-se de avós cuidadoras, que não foram capazes de transmitir tal cuidado saudável para suas filhas?; ou os aspectos da contemporaneidade, como renda, trabalho, insegurança e imagem, interferem de forma intensa nesse vínculo mãe-filho?

“Minha neta que eu cuido desde bebê, eu tenho um carinho por ela porque ela não tem pai, a mãe dela também trabalha e não da muita atenção pra ela [...] a minha responsabilidade toda é com ela porque o pai ela nem tem contato com o pai. A mãe trabalha, mas uma vez ou outra que pega ela pra ficar com ela, pra dormir com ela e ela sente muita falta, mas... Aí eu tento não... assim, eu não tento intervir na relação das duas, mas... é complicado, muito complicado”. (R.)

“Eu que crio o meu neto, cuido dele [...] V. quando nasceu... ele nasceu na minha mão praticamente. No dia que ele nasceu eu peguei ele em minhas mãos. Crio ele desde que nasceu [...] Ele disse que eu sou a mãe dele. Que a mãe dele não era a mãe, que era a avó e eu a mãe. Mas partiu dele, não de mim”. (N.)

“Assim... agora eu cuido do D. porque realmente eu gosto muito, muito, muito, dele e gosto também muito de criança pequenininha... tem muitas mães boas, carinhosas, né. Mães-avós, né [...]”. (J.)

“Eu tento mais aproximar ela da mãe dela, porque eu sei que ela sente falta. Por mais que eu de carinho, amor, tudo que ela quer, mas eu sei que o que ela queria mesmo era tá com a mãe direto, mas não consegue. A mãe dela por mim eu fico com ela o tempo todo. Ela só teve a menina, porque responsabilidade dela... nenhuma. Mas eu acho bom, ela preenche tudo. Ela e os outros também né. Já arrumou, já tá, tem que agora educar e criar todos eles”. (R.)

“Antigamente ela me chamava de ‘mamãe’, aí eu falava assim pra ela – ‘Não. A vovó é vovó, a sua mãe é ela’ aí mostrava a foto – ‘A sua mãe é essa. A vovó é a vovó, mas... Você tem que chamar sua mãe de mãe e a vovó de vovó’”. (R.)

3.2.2

Cuidado

Com o advento do capitalismo e a evolução tecnológica, a demanda por mão de obra especializada aumentou, provocando principalmente nas classes baixas, despreparadas para essa evolução, a procura por novos meios de sobrevivência. Extensa carga horária de trabalho, baixos salários, pouco tempo familiar e, mesmo assim, como um mecanismo de inserção social e transmissão de afeto, a conquista e a valorização dos objetos materiais é frequente nas classes populares (SARTI, 2003). O consumo como transmissão de afeto ilustra esse movimento ambivalente, no qual o pouco tempo de convívio com os filhos tenta ser “redimido” pelo alimento, por presentes. Busca-se então suprir a falta de contato e cuidado com esse consumo que, na sua infância, muitas não puderam ter ou que imaginam preencher o vazio da convivência com seus filhos.

“Olha, um ponto às vezes eu sinto que sim, porque a mãe, tudo quanto era dinheiro que ela ganhava, porque ela trabalhou durante 11 meses, ela já pensava em chegar e dizia assim: D., a gente vai lanchar fora. A gente vai comer não sei o que. Aí ele botava aquilo na cabeça: minha mãe está vindo, minha mãe está vindo. E porque? Ah, ela vai pagar o lanche. Ela vai lanchar comigo”. (J.)

“Aí as 17h da tarde eu apanho, levo ela pra casa, compro um biscoitinho, uma bala, alguma coisa pra mimar ela”. (M.J)

A necessidade constante de buscar melhores condições de vida para si, filhos e familiares, as poucas ofertas de trabalho e a dificuldade em encontrar tempo para estar com os filhos, são aspectos que propiciam o cuidado dos netos pelas avós. A busca contínua de realização do prazer e o custo elevado da vida nos permitem discutir sobre o que se apresenta como valor hoje. O fato de o custo de vida ter aumentado afeta diretamente na aquisição de alimentos, de lazer, na administração do tempo. No entanto, mesmo com o pouco rendimento salarial, muitos se veem mergulhados no movimento de consumir, graças aos meios de aquisição como cartões de crédito, para se sentirem pertencentes à sociedade e usufruírem igualmente dos mesmos produtos que as demais classes sociais.

“[...] – ‘aí no final do ano você me dá o têniszinho de rodinha?’ – ‘Vamos esperar baixar mais, ele tá duzentos e pouco, quando tiver cento e cinquenta quem sabe?’ [...] Primeiro elas falam que elas olham, vê aquela assim... como quem diz ‘porque que eu não tenho’, né. Mas elas entendem. Não tem por que...”. (R.)

A cultura atual e esses impasses na criação dos filhos nos faz indagar sobre esse suporte das avós e sua relação com os aspectos distintos das gerações entre mães e filhas.

“[...] a criação hoje em dia está muito complicada [...] mas é muito complicado hoje em dia você educar os filhos do jeito que você quer porque é muito complicado mesmo! Antes era mais diferente porque... acho que a vida, o custo de vida era mais fácil. Você trabalhava, tinha mais... o dinheiro rendia mais. Hoje em dia já é mais difícil. Você paga aluguel, você tem que manter uma casa”. (R.)

“Eu não posso assumir nenhum compromisso de trabalho, porque como é que eu vou trabalhar com duas crianças estudando meio período? Não, não tem como... aí pra mim realmente fica difícil... não tem como trabalhar, né. Trabalhar fora. Aí eu to... só trabalho um dia na semana só”. (C.)

“A família... família... é muito difícil. Nós estamos vivendo uma época com muito... muita dificuldade, né. O dinheiro não dá, e a paciência também vai se esgotando. Tem que trabalhar. Eu tive que voltar a trabalhar, fazer bico, meu marido também. E

isso deixa a gente um pouco ali preocupada. Aluguel... aí... as crianças também não... são muito teimosa”. (S.)

Segundo Sarti:

“Cumprir o papel masculino de provedor não configura, de fato, um problema para a mulher, acostumada a trabalhar, sobretudo quando tem precisão; para ela, o problema está em manter a dimensão do respeito, conferida pela presença masculina. Quando as mulheres sustentam economicamente suas unidades domésticas, podem continuar designando, em algum nível, um “chefe” masculino. Isso significa que, mesmo nos casos em que a mulher assume o papel de provedora, a identificação do homem com a autoridade moral, a que confere respeitabilidade à família, não necessariamente se altera”. (SARTI, 2003, p. 67).

“Minha aposentadoria saiu e agora eu estou em casa, mas eu estou fazendo bico. De vez em quando tem uma faxina. Sempre trabalhei, sempre, sempre. Mesmo criando ela, mesmo criando meus três filhos normais, sempre trabalhei. Hoje já estou o que? Quase dezoito anos separada e sempre criei meus filhos e ajudava também meu marido. Tanto que a casa que eu tenho hoje foi construída por mim e por ele também. Mais meu tijolo do que o dele (risos)”. (J.)

“É... nós tivemos época aqui de passar necessidades, entendeu? Porque eu sem trabalhar e as dívidas só aumentando... e foi meio complicado. E eu tive que voltar a trabalhar porque não dava mais. Então eu tive que começar... aí eu voltei a trabalhar, tentar trabalhar... aí fiquei doente de novo. Aí eu falei assim, então eu tenho que ficar em casa mesmo, não tem jeito”. (C.)

3.2.3

Contraste Geracional

Esses aspectos da sociedade atual foram os mais relatados pelas entrevistadas, sinalizando o desejo interno de proteção e cuidado dos netos, frente à instabilidade financeira das filhas e da sua família de maneira geral.

“Eu acho que o laço familiar hoje não é mais como era antes, né. Que a gente tinha aquela, aquela coisa de obediência, de respeito, né. E hoje você vê que a criança pequena se a gente não tiver pulso firme com eles... eles batem na gente, né [...] é difícil uma família ter aquele momento de se reunir numa mesa

pra tomar um café, pra almoçar, né... é difícil essas coisas acontecerem hoje.. aí se espera, assim, final de ano pra realizar e as vezes não se realiza, né... é... quer dizer, são valores que vão se deteriorando [...] Ela também foi criada pela avó. Eu trabalhava, só chegava em casa a noite. Eu ia pra casa todo dia. Quando ela cresceu mais, aí que eu passei a dormir no serviço [...] A vó que criou... ela foi pra lá com dois anos e meio e lá ficou até agora, né. Tanto que a vó faleceu nos braços dela praticamente. Foi se repetindo a situação né... eu espero que a minha neta faça diferente (risos)". (C.)

O discurso nostálgico apresentado pelas entrevistadas faz referência à família no passado, às suas experiências e memórias infantis. Época que enalteciam a autoridade e as características rígidas do patriarcado, tendo o Mestre – função paterna – que ditava as regras e exigia obediência e respeito, muitas vezes pelo meio de ameaças físicas e psicológicas. Nesse período a autoridade não era contestável. Medo e respeito podiam ser vistos como sinônimos. Observamos também a importância do olhar, sendo através dele que sentiam a ameaça de punição frente ao descumprimento de suas leis.

Em suas falas, enaltecem esse suposto controle familiar como mantenedor da ordem e dos limites que hoje aparecem em desfalque, devido ao intenso trabalho e o pouco tempo para usufruir em família. Suas falas apresentam-se como reflexo da sociedade que ilustra a queda da figura paterna e a dificuldade em delimitar regras frente às facilidades atuais de acesso e aquisição de mercadorias e informações ilimitadas.

Nessas famílias das classes baixas, conforme abordamos no primeiro capítulo, a função de chefia é reconhecida à mulher, ao mesmo tempo em que é responsável pelo cuidado dos filhos. O tempo e ritmo de vida eram outros. A valorização dos saberes familiares, da tradição e da participação dos mais velhos – sábios – no cuidado e na orientação da vida era o único meio existente. Hoje, com o desenvolvimento e o enaltecimento das capacidades individuais e do saber científico/médico, percebe-se uma queda nas tradições e na sabedoria dos idosos. A desconfiança no próximo e o sentimento de insegurança gera apreensão e alerta em todos os âmbitos.

“Ah, a família antes era mais construtiva. A mulher vivia pro lar, cria seus filhos, não tinha tantas sementinhas do mal. Não

tinha nenhuma. Porque agora tem que ver, crianças de nove, dez anos que são terríveis... terríveis. Presencio muitas coisas, me incomoda... terrível. Sem controle. E eu procuro preservar os meus netos e um adolescente de dezesseis anos que eu cuido. Eu costumo conversar muito, só saem comigo. O outro que já tem dezessete anos... vai fazer dezessete, procuro orientar também, falando... não, graças a deus ate agora tá de olho, não tem vício nenhum e é muito caseiro”. (S.)

A família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura, ao ser atravessada por ela, ao mesmo tempo em que preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico.

Dessa forma, a ilusão do passado de controle dos filhos, de pertencimento familiar e da família nuclear se transformou na contemporaneidade. A questão é encontrar um equilíbrio e novas formas de aprendizagem para nos adaptarmos ao tempo presente e à sua demanda. Pensar hoje na função paterna de poder e disciplina, controle e soberania, já não é mais plausível. A necessidade de referências pelos jovens proporciona um movimento de busca da função paterna pelo viés da comprovação – através da própria experiência e trajetória - de que a vida pode ter um sentido. Das possibilidades de existir e estar no mundo com um desejo e ser responsável ao mesmo tempo (ZALCBERG, 2016).

“Ninguém respeita ninguém [...] os meus eu sei que eu cuidei e sempre me obedeceram... graças a deus nunca me deram problema não”. (M.J)

“Aí quando passa a carinha de anjo tem a madre bem brava aí eu falo assim “Olha Ana, essa madre parece com a tia helo”. “Não vovó a tia Helo é boazinha. Ela também não pode ser assim tao boa pra todo mundo, né vovó... Ela não pode ser tão boa pra todo mundo. Ela tem que ser durona vovó, que senão as crianças não vão obedecer a ela”. Ela fala. A gente morre de rir”. (R.)

3.2.4

Limites

O pouco tempo das mães com seus filhos, em alguns casos, é associado com essa necessidade de satisfazer as vontades das crianças, ser mais permissivo,

já que o tempo “disponível” para eles é muito curto e não querem se aborrecer. Assim, a compra de produtos e brinquedos como meio substituto do carinho e cuidado que não conseguem oferecer aos filhos, propicia a mesma ilusão de pertencimento social e igualdade pela via material. Mesmo sendo das classes baixas, residem no mesmo ambiente e desejam usufruir das mesmas ofertas.

Segundo Vilhena:

“A não imposição de limites, o ‘medo’ de desaprovação que norteia o comportamento do adulto, redundando em uma espécie de abandono da função paterna – da responsabilidade e da autoridade. Não importa se não houve um abandono concreto, mas o adulto refém da aprovação infantil, renuncia, da mesma forma ao seu lugar na cadeia geracional. Para Kehl o abandono das crianças *mimadas* e de *família* (a autora não está falando das crianças de rua) é o *abandono moral*”. (VILHENA, 2005, p. 09).

Os conflitos atuais referentes ao contexto familiar e social giram ao redor das questões de desamparo, de carência, do sentimento de vazio e da “escassez de tempo”, sendo este último tido como um dos principais traços da contemporaneidade. Os pais, cada vez mais distantes do dia-a-dia dos filhos, justificam sua ausência através da aquisição material, já que a sociedade atual promove sentimentos que estimulam o enaltecimento financeiro e o status de consumo. Assim, a troca dos cuidados afetivos pelos cuidados financeiros é um mecanismo de compensação do carinho e cuidado. (MEIRA & PINHEIRO, 2014).

“Eu converso, falo – ‘tem que prestar atenção na aula, não pode dar mole, não fica de brincadeira com os coleguinhas na sala de aula porque se não você não vai passar de ano’ [...] – ‘Ah, mas não sei o quê, mas você vai comprar uma bicicleta?’ – ‘Oh eu vou comprar se passar de ano’. Se for tudinho, aí ela ganha uma bicicleta”. (M.J)

Vemos então, que o aumento da participação das avós no cuidado e autoridade com os netos, pode ser ilustrado frente a esse estado de crise econômica, e dificuldade dos pais em transmitir carinho e colocar limites. O contexto social favorece esse mecanismo de valorização financeira e “seduz” essa geração de pais. No entanto, além do fator de sedução, a necessidade e busca por

melhores condições de vida provocam sensações de culpa e incapacidade, tanto com relação ao afeto com os filhos quanto à sua autoridade.

“Eu acho que ela tem medo da mãe porque... um pouco assim, qualquer coisa que ela fizer, se ela fizer uma coisinha errada, brigar com ela, alguma coisa, ela fala – “vovó não conta pra minha mãe não”. Então eu acho que é porque é pouco tempo que ela tem com a mãe se... eu acho se ela contar pra mãe dela, aí eu acho que a mãe dela, assim... não vai gostar dela... não vai... eu acho que é isso que ela pensa”. (R.)

“Quer ver televisão, quer ver um videogame lá que ele tem lá, quer passar do horário e eu digo não, você vai me dar trabalho pra acordar cedo, por favor vamos dormir. Ah, não vó, eu não vou. Vamos, vamos sim (...) Bom, pra obedecer bem mesmo tem que ser aquilo que ele acha que ele vai ganhar alguma coisa. Ele é bem interessado, entendeu. Se ele sabe que vai ganhar alguma coisa, ele fica maravilhosamente bem. Aí se ele vê que não tem nada, ele quer ser agressivo: não vou!” (J.)

“Eu não gosto de confiança. Brincar é brincar, tem hora. Não gosto de abuso. Dou carinho, dou beijinho. Eu podendo dar o que eles pedem... A B. queria um patins, procuramos, procuramos, até que encontrei um pra pagar cem reais em cinco ou seis vezes. Então eu procuro me esforçar, procuro dar. (S.)

Nessas circunstâncias, tornou-se um desafio criar os filhos/netos. A criança precisa de condições apropriadas para se tornar um adulto saudável e responsável e é o ambiente o facilitador de tais condições. Para tal devemos sinalizar a importância dos limites. Não nascemos com limites, reagimos conforme sensações e estímulos, tendo pouco controle sobre as ações e o corpo. Dessa forma, é através da educação no amplo entendimento da palavra que podemos nos constituir psicologicamente e sermos sujeitos capazes de conduzir nossas vidas, planejando e nos apropriando de nossos atos (ALMEIDA, 2000).

Com o passar dos anos, os limites colocados ao bebê começam a ser internalizados, permitindo que o processo criativo ocorra (WINNICOTT, 1960b). Dizer não, é uma forma de cuidado, de amor e de transmissão de valores e responsabilidades. Ensinar à criança que somos responsáveis pelos nossos atos, que existem leis sociais que nos conduzem e mantem a vida em sociedade de forma saudável, é um árduo trabalho que vem sofrendo dificuldades na atualidade.

O Slogan de “é proibido proibir” criou um desconforto aos cuidadores frente à tarefa de educar. A passagem do autoritarismo para a escassez de autoridade possibilita comportamentos mal-educados e dificuldades de convívio social (ALMEIDA, 2000). Assim, para a criança ser capaz de se constituir psicologicamente é fundamental vivenciar limites, valores e ter seu tempo respeitado. O ritmo acelerado da sociedade capitalista atualmente está na contramão do ritmo interno, necessário para nossa formação psíquica. Aprendemos a lidar com a frustração e a desenvolver a capacidade criar, frente aos obstáculos do cotidiano.

Os relatos acima refletem a busca por essas avós de transmitir os valores antigos que receberam na infância aos seus netos, mas estando submetidas e pertencendo aos novos valores que perpassam todos os sujeitos inseridos na sociedade. As transformações do conceito de família e a percepção atual do conceito de limite nos instigaram a pesquisar e analisar os vínculos de cuidado entre as avós e os netos na atualidade.

4

Considerações finais

Para produzirmos a presente pesquisa foi necessário um recorte do campo a ser estudado. Propomo-nos, assim, analisar dentro do contexto social das avós entrevistadas para que possamos entendê-las. No entanto, é importante sinalizarmos que independente da classe social das participantes, todas estão inseridas na sociedade e vivenciam os sentimentos de incerteza e fluidez da contemporaneidade. Por isso, é relevante situarmos o momento em que vivemos e o contexto que essas avós se apresentam.

Com as transformações sociais no passar dos anos, muitas mudanças surgiram. Os avanços tecnológicos e os novos meios de interação possibilitaram que novos sentimentos, nunca antes sentidos ou imagináveis, atingissem toda a sociedade. Apesar da insegurança, da incerteza com relação ao futuro e da falta de solidez que presenciamos nos vínculos atuais, é essencial que possamos resgatar valores para a sua sustentação e proporcionar o alcance da autonomia. No entanto, é crucial criarmos novos meios de convivência, de respeito às diferenças e de diálogo para nos adaptarmos a essas transformações.

Destacamos, neste momento, a importância dos vínculos de cuidado e da espontaneidade para existir uma relação mãe-bebê saudável. O ambiente nutridor sólido, firme e que sustenta a criança, sendo capaz de suprir suas necessidades de forma intuitiva, caminha para um desenvolvimento emocional satisfatório do bebê. Torna-se fundamental a rede de apoio, pois essa avó também precisa ser cuidada. É essencial que as avós cuidadoras sintam-se amparadas e asseguradas para desempenharem suas funções. Esse apoio deve surgir por pessoas próximas de forma geral.

Consideramos a rede de apoio recebida nesse momento fundamental tanto para a saúde da avó quanto da criança. A partir das entrevistas atentamos para o fato de que a instituição parceira do projeto é uma figura de suma importância para essas avós. Oferecem suporte, orientação e apoio para que possam se dedicar aos cuidados das crianças e de si próprias.

Podemos constatar, através da história, que nas classes baixas o papel feminino sempre esteve relacionado com a chefia da casa e o cuidado dos filhos. A estrutura familiar monoparental era frequente, necessitando do apoio familiar para o cuidado das crianças. A circulação das crianças era comum e as avós auxiliavam as mulheres enquanto trabalhavam para o sustento da família (DEL PRIORE, 1997). Hoje em dia, com os ideais de capacitação e competitividade hipervalorizados, essa classe sofre diretamente com dificuldades financeiras e tem poucas oportunidades de bons trabalhos pela conseqüente baixa possibilidade de estudo e especialização. Esses aspectos reforçam a permanência em trabalhos com baixa remuneração e alta carga horária pela necessidade financeira. A participação das avós no cuidado integral dos netos aparece como suporte para essas mães que necessitam trabalhar para promover melhores condições de vida para seus filhos.

Sentir e intuir o que o bebê necessita para se satisfazer é dar ouvidos a sua sensibilidade. Hoje, em meio a constante busca social por ensinamentos, pelo saber externo que dita e conduz à vida, a espontaneidade materna tem sido colocada de lado. Com a queda no valor da tradição, as pessoas passaram a buscar outro tipo de suporte, um apoio adquirido. Seja a aquisição material ou de informação que ampare o cuidado.

Nesse contexto, o carinho aparece, muitas vezes, pela via material. A respeito do consumo, como vimos através das falas das entrevistadas, a aquisição de brinquedos, alimentos, informações, aparece na rede cuidadora como meio de transmissão de amor e atenção às crianças que no dia-a-dia intenso não conseguem oferecer. Com as facilidades de aquisição de produtos hoje, conseguem comprar brinquedos que nunca puderam ter e que dando a seus filhos e netos podem transmitir esse sentimento de gratidão e felicidade a eles.

Com base nas entrevistas apresentadas, observamos que as avós resgatam essa espontaneidade ao cuidarem dos seus netos. Recordam suas vivências e sensações de como cuidaram de seus filhos e de como foram cuidadas na sua infância. O respeito ao tempo individual da criança, seu desenvolvimento e capacidade singular de construção psíquica está na contramão do tempo externo: acelerado e exigente de estimulação. Muitos estímulos externos afetam a

criatividade da criança e seu livre descobrir do mundo, através das sensações e dos sentidos.

É necessário alcançarmos um equilíbrio entre os tempos e as distintas formas de funcionamento da humanidade, para que possamos nos adaptar às transformações ocorridas e criar novas possibilidades de cuidar e transmitir o *holding* para o desenvolvimento psíquico saudável das crianças.

O estudo foi dedicado às avós que exercem a função materna com seus netos, tendo em vista a observação da pesquisadora, juntamente com o restante da equipe do projeto Cuidando de Quem Cuida, acerca do aumento da participação das avós nos grupos de reflexão. Quanto à filiação, todas são avós maternas, o que nos faz refletir sobre a questão de gênero e a maior participação das avós maternas nos cuidados aos netos. Embora a presença das avós paternas seja significativamente menor, ainda é maior do que a dos avôs (AZEVEDO; RABINOVICH, 2012).

A associação do gênero com o papel social vem historicamente concedendo às mulheres o papel de cuidadora, tendo maior participação do que os avôs nos cuidados infantis. Nos grupos de reflexão não encontramos nenhum avô participante, incentivando que novos estudos acerca desse tema sejam desenvolvidos. Além da questão de gênero, podemos problematizar essa predominância da avó materna no cuidado devido a uma possível afinidade entre mãe e filho e/ou conflito entre nora e sogra.

O discurso nostálgico dessas avós salienta aspectos da família tradicional que hoje já não fazem parte da realidade de muitas pessoas. A ideia de que a criação no passado, com regras rígidas e incontestáveis, era melhor do que hoje e que atualmente as crianças não têm limites e não obedecem às leis, nos fez questionar tal discurso. Esse relato foi apresentado pelas avós de diferentes maneiras, apesar de algumas não terem vivenciado uma relação familiar em consenso com seu discurso.

Apesar de discorrerem valorizando os ideais tradicionais e o patriarcado, na prática não se encaixam em tal observação. Indagamos o que esse discurso queria

nos passar e de que forma poderia influenciar nesse aumento da participação das avós nos cuidados dos netos atualmente.

Observamos, então, que a instituição parceira a qual essas avós estão vinculadas também apresenta um discurso enraizado, enaltecendo os ideais e aspectos sociais do passado. A equipe é composta somente por mulheres, divididas hierarquicamente. O discurso da instituição demarca, em alguns momentos, a rigidez nas regras implicadas, tendo o viés do patriarcado implicado nas suas falas e condução com os pais e as crianças. Essa ligação permeia a realidade dessas famílias e as doutrinam a seguirem o seu modelo tido como “padrão”, reflexo da disposição da família burguesa tradicional, oposto da realidade dos responsáveis que lá frequentam.

Ao longo dos anos que estamos em parceria com a instituição, temos realizado encontros e reuniões também com toda a equipe. Abordamos esses assuntos e trabalhamos essas questões, enfatizando as diversas realidades de vida que nela se encontram, desde as concepções da equipe, até a dos profissionais e dos responsáveis, buscando ampliarem seu ponto de vista e diálogo com os pais e cuidadores.

De acordo com nossa pesquisa, constatamos que os vínculos de cuidado entre avós e netos aparecem como resposta às necessidades da criança, da mãe e das próprias avós. Ao exercerem o cuidado dos netos, relatam também serem cuidadas por eles, seja pelo carinho recebido ou pelo preenchimento que eles oferecem às suas vidas. A circulação do afeto na rede familiar proporciona o alimento primordial para a vida humana, sendo o cuidado e a transmissão de afeto nossos nutrientes. Cada avó exerce a função materna por motivos particulares, mas todas sinalizam os benefícios de terem os netos consigo e o amor que sentem por eles. Somente assim conseguem batalhar e enfrentar as dificuldades do dia-a-dia.

Como psicólogos e estudiosos do cuidado, devemos atentar para a importância do acompanhamento cotidiano nesses enquadres. Dar voz às avós que cuidam é proporcionar um espaço em que possam expor suas angústias, medos, fantasias e inseguranças. Cuidar de quem cuida, como o próprio nome do nosso

projeto ilustra, encoraja e nutri essas avós a continuarem seguindo seus caminhos, acreditando e confiando mais nas suas capacidades e sensibilidade.

Segundo Vitale (2003):

“Os avós são personagens em movimento na cadeia das gerações, mas talvez permaneçam em nossa memória como figuras cristalizadas em determinado momento do percurso. A herança simbólica por eles transmitida é mantida e/ou recriada ao longo de nossas vidas, num processo de continuidade e descontinuidade dos bens simbólicos recebidos”. (VITALE, 2003, p. 104)

É imprescindível frisar que não estamos idealizando o papel das avós. Sabemos que existem muitas avós que não se relacionam com seus netos, assim como filhos que não facilitam tal encontro. Relações familiares negligentes, abusivas, com maus-tratos aos idosos, impossibilitam essa vivência das avós com os netos, privando a construção desse vínculo familiar.

Posto isto, julgamos o presente estudo como uma temática recente e, por isso, não podemos ainda classificar os impactos dos cuidados voternos na vida dos netos e, conseqüentemente, no seu desenvolvimento. Todavia, contamos ser de grande relevância para a constituição psíquica do bebê uma relação com a figura materna- avó- alicerçada no afeto e na harmonia.

Por se tratar de um recorte, esperamos inspirar outros pesquisadores a estudar tal temática, os instigando a ampliar este estudo. Acreditamos que esta pesquisa pode oferecer embasamento para futuras políticas públicas direcionadas para esse público e assunto. É imprescindível a atenção e dedicação em nossas pesquisas, assim como na nossa atuação enquanto psicólogos e cidadãos com olhar humanizado e empático.

Devido à amplitude de possibilidades que poderíamos ter seguido para realizar esta pesquisa, devemos considerar outros inúmeros percursos que poderíamos ter levado em consideração, tais como: distância da moradia de avós maternas e paternas em relação aos netos, a participação dos avós – figura masculina - no cuidado dos netos e o cuidado diferencial para com os netos. Além disso, investigar a partir do discurso das crianças, quais as possíveis

consequências na constituição psíquica destas ao receberem os cuidados e a criação pelas avós?

Algumas novas questões surgiram a partir desse trabalho, que servem somente como indagações para futuros desenvolvimentos. Por exemplo: o fato de a equipe da instituição parceira ser composta por figuras femininas influencia na visão matrilinear do cuidado? Embora alguns voluntários sejam do sexo masculino, os cuidados e a condução da instituição são feitos por mulheres.

Essas e muitas outras questões talvez possam instigar futuros pesquisadores a prosseguirem no estudo do tema. Para nós, lançar novas perguntas podem contribuir para o estudo das novas configurações familiares.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, R. S. **Limites: preparando seu filho para o século XXI**. Série Saúde & Qualidade de vida. Rio de Janeiro: Vitro Comunicação & Editara, 2000.

AMAZONAS, M.C.L.A.; LIMA, A.O.; DIAS, C.M.S.B. **Mulher e família: diversos dizeres**. São Paulo: Oficina do livro, 2006.

AZEVEDO, T.; RABINOVICH, E. P. Retratos da avó na literatura infantil contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha. *PSICOLOGIA USP*, São Paulo, 2012, 23(1), 211-231.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos Editora S.A., 1978.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, M. L. **Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70; São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

BITTENCOURT, M.I.G.F. **Ilusão e criação na sociedade de consumo: um estudo sobre o divertimento**. 2002. 141 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

_____. Reflexões sobre o tempo: instrumento para uma viagem pelo ciclo vital. *Revista Psyché*, 9(15), 93-104, 2005.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL PRIORE, M. **Ao Sul do Corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Brasília: EDUNB; Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993.

DEL PRIORE, M (Org.); BASSANEZI, C. (Coord. De textos). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de Consumo e Pós-modernidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org). **Família e casal**: arranjos e demandas contemporâneas. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Família e casal**: parentalidade e filiação em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Prospectiva & PUC-Rio, 2015.

FONTES, I. A construção silenciosa do ego corporal. *ALTER – Revista de estudos psicanalíticos*, v. 29 (2) 83-90, 2011.

_____. **A descoberta de si mesmo na visão da psicanálise do sensível**. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

FONTES, I.; ROXO, M.; SOARES, M.C.S; KISLANOV, S. **Virando Gente**: a história do nascimento psíquico. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

FREUD, S. O estranho (1919). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed., Vol. XVII, ano.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio d'água, 1989.

LOPES, E.S.L; NERI, A.L.; PARK, M.B.; 2005, APUD CAVALCANTI, J.R.G; VIEIRA, K.F.L; SOUSA, D.H.A.V. de; CARDOSO, D.B. Percepções e vivências de avós que cuidam de seus netos. In: **Anais CIEH (2015) – Vol. 2, N.1.** 2015, Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ. Disponível em:http://www.editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_E_V040_MD2_SA8_ID2441_27072015135311.pdf

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. 5ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

FIGUEIREDO, L. C. As diversas faces do cuidar: considerações sobre a clínica e a cultura. In: MAIA, M. S. (Org.). **Por uma ética do cuidado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 29ªed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MAHLER, Margaret S.; PINE, Fred; BERGMAN, Anni. **O Nascimento Psicológico da Criança** – Simbiose e individuação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MEIRA, I.F.; PINHEIRO, M.A. A família em mutação e o conflito temporal. *Revista Humanae*. Questões controversas do mundo contemporâneo. v.8, n.2 (2014).

NEWMAN, Alexander. **As ideias de D. W. Winnicott** – Um guia. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

OLIVEIRA, A. R. V.; VIANNA, L. G. & CÁRDENAS, C. J. de. Avosidade: Visões de avós e de seus netos no período da infância. *Rev. bras. geriatr. gerontol.* [online]. 2010, vol.13, n.3, pp.461-474. ISSN1809-9823. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-8232010000300012>.

PASSOS, M. C. Vicissitudes do tempo na formação dos laços familiares. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal**: parentalidade e filiação em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Prospectiva, 2015.

PEIXOTO, 2004 APUD OLIVEIRA, M.B.; SILVA, N.M. Participação de aposentados nas transferências de recursos nas famílias. *Revista de C. Humanas*, Viçosa, v. 12, n. 1, p. 135-144, jan./jun. 2012.

PICHON-RIVIÉRE, E. **Teoria do Vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PIRES, S. **Voternidade** – Ser avô, ser avó: um doce desafio. 1ª ed. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2015.

PLASTINO, C. A. A dimensão constitutiva do cuidado. In: MAIA, M. S. (Org.). **Por uma ética do cuidado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia apud FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). **Casal e Família**: Transmissão, conflito e violência. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2013.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SANTOS, J. F. dos. **O que é pós-moderno**. 6ªed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SARTI, C.A. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 2.ed.rev. São Paulo: Cortez, 2003.

VILHENA, J. **Repensando a família**. Psicologia Com Pt, Portugal, 2005.

VILHENA, J.; BITTENCOURT, M.I.G.F.; NOVAES, J. de V.; ROSA, C. M. O que se passa na infância não fica na infância: sobre o respeito pelo outro nas relações sociais. *Revista Estilos clin.*, São Paulo, v. 22, n. 2, maio/ago. 2017, 339-353.

VILHENA, J.; BITTENCOURT, M.I.G.F.; NOVAES, J. de V.; ZAMORA, M. H. R. N. Cuidado, maternidade e temporalidade: repensando os valores contemporâneos da eficiência. *Cad. Psicanál.-CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 35, n.28, p. 111-127, jan./jun. 2013.

VILHENA, J.; NOVAES, J. de V. Da memória da fome à obesidade como sintoma. Sobre estética, corpo e sofrimento psíquico. Jan. 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/269574861_Da_memoria_da_fome_a_obesidade_como_sintoma_Sobre_estetica_corpo_e_sufrimento_psiquico>

VITALE, M.A.F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, A.R.; VITALE, M.A. **Família: Redes, Laços e Políticas Públicas**. São Paulo: IEE/PUCSP, 2003.

WINNICOTT, D. W. (1949) O bebê como pessoa. In: **A criança e o seu mundo**. (1977 [1964]) Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1952a) Ansiedade associada à insegurança. In: **Da pediatria à psicanálise**. (1988) Rio de Janeiro: F. Alves.

_____. (1952b) Psicose e cuidados maternos. In:_____ (1988) Rio de Janeiro: F. Alves.

_____. (1958a) O primeiro ano de vida: concepções modernas do desenvolvimento emocional. In: **A família e o desenvolvimento individual**. (2013 [1965]) São Paulo: WMF Martins Fontes.

_____. (1960a) Família e maturidade emocional. In:_____. (2013 [1965]) São Paulo: WMF Martins Fontes.

_____. (1958b) A capacidade para estar só. In: **O ambiente e os processos de maturação**. (1988 [1979]) Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1960b) Teoria do relacionamento paterno-infantil. In:_____. (1988 [1979]) Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1962) A integração do ego no desenvolvimento da criança. In:_____. (1988 [1979]) Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1963a) Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In:_____. (1988 [1979]) Porto Alegre: Artes Médicas.

ZALCBERG, M. “É proibido proibir?”. Aula: Reconstruir a função do pai.

Rio de Janeiro: Casa do Saber, mai. 2016.

_____. (1963b) O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In:_____. (1988 [1979]) Porto Alegre: Artes Médicas

_____. (1967a) A localização da experiência cultural. In: **O brincar e a realidade**. (1975 [1971]) Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1967b) O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In:_____. (1975 [1971]) Rio de Janeiro: Imago.

_____. **Os bebês e suas mães**. (2013 [1988]) São Paulo: Martins Fontes.

ANEXO A

ROTEIRO DE ORIENTAÇÃO PARA A ENTREVISTA

- Pergunta disparadora: 1. O que você acha sobre os relacionamentos familiares nos dias atuais?
2. Suas responsabilidades na família aumentaram com a chegada dos netos?
3. Quais suas responsabilidades com seus netos?
4. Há atritos com a mãe?
5. A quem o neto obedece?
6. A quem “puxou”?

ANEXO B

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Título da pesquisa: Avós e netos: vínculos de cuidado na atualidade
(dissertação de mestrado)

Pesquisadora: Paula Christina Pegado Ribeiro

Email: paula.pegado@hotmail.com Telefone: (021) 99573-0136

Orientadora: Professora Junia de Vilhena

Email: juniavilhena@gmail.com Telefone: (021) 99286-6915

Identificação:

Avó materna ou paterna:

Idade:

Estado Civil:

Escolaridade:

Profissão:

Nível Socioeconômico:

Com quem mora:

Número de netos e respectivas idades:

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Título da pesquisa: Avós e netos: vínculos de cuidado na atualidade
(dissertação de mestrado)

Pesquisadora: Paula Christina Pegado Ribeiro

Email: paula.pegado@hotmail.com Telefone: (021) 99573-0136

Orientadora: Professora Junia de Vilhena

Email: juniavilhena@gmail.com Telefone: (021) 99286-6915

Gostaríamos de convidar para fazer parte da pesquisa intitulada Avós e netos: vínculos de cuidado na atualidade, avós integrantes e ex-integrantes do Projeto Cuidando de Quem Cuida que exerçam a função materna com seus netos.

Nosso objetivo é estudar a participação das avós no exercício da função materna com seus netos nos dias de hoje. Analisaremos, assim, como os vínculos de cuidado entre avós e netos ocorrem na atualidade.

A pesquisa é realizada a partir de uma entrevista gravada e transcrita, em seguida, detalhadamente, estando sob a responsabilidade da pesquisadora todos os dados de identificação. As informações serão mantidas em caráter confidencial, portanto sua identidade será mantida em sigilo.

Os desconfortos ou riscos provenientes da sua participação são mínimos e, caso deseje, poderá receber encaminhamento para uma ajuda profissional terapêutica (SPA PUC-Rio ou particular). Sua participação na pesquisa é voluntária, estando livre para interromper a conversa quando assim desejar, sem qualquer penalização. Poderá realizar todas as perguntas que julgar necessárias, recusar-se a responder, ou falar de assuntos que lhe possam causar constrangimento.

Com sua adesão, você estará contribuindo para conhecermos mais sobre os vínculos de cuidado entre avós e netos nos dias atuais.

Eu, _____,
fui informado (a) sobre o estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram atendidas. Manifesto meu livre consentimento em participar da pesquisa, sendo este formulário assinado voluntariamente por mim, em duas vias, sendo uma via para mim e outra para a pesquisadora.

Assinatura da Entrevistada

Assinatura da Pesquisadora

Rio de Janeiro, ____/____/____